PLAYBOY

TUDO O QUE O HOMEM SONHA!

Nº 9 > MARÇO 2013 €4,95 (CONT.) PORTUGAL

PLAYMATE
ANDREIA MACHADO
"ADORO QUE ME SAIBAM PROVOCAR"

ULTRA DEFINIÇÃO
OS NOVOS TELEVISORES

AS LISTAS DE JOÃO GOBERN NA PLAYBOY

DAVID BOWIE
A NOVA COR DO SENHOR CAMALEÃO

GRANDE ENTREVISTA
QUENTIN TARANTINO
"A MULHER PERFEITA É UMA PLAYMATE QUE GOSTE DE CINEMA"

20 PERGUNTAS
MARCO RODRIGUES
A CARA DO FADO

OS GRANDES TREINADORES ESTRANGEIROS QUE PASSARAM POR PORTUGAL

GOSTAVA DE TER UM CARRO DESENHADO POR SI? AGORA JÁ PODE!

ESTILO
COMO FICAR IMPECÁVEL DE JEANS

Obrigado Leitores!

JOANA VIEIRA

NÃO ESCONDE NADA!!!

meo.pt

LIGUE **16 200**
ou vá a uma loja **MEO**

PT

M4O

TELEVISÃO INTERNET TELEFONE TELEMÓVEL

Nasceu o novo MEO e com ele nasceu o M_4O, um novo elemento essencial à vida, com uma oferta integrada de telecomunicações e entretenimento: Televisão, Internet, Telefone Fixo e Telemóvel. A única marca em Portugal que oferece 85 canais de Televisão, 100 Megas de Internet, Telefone Fixo ilimitado e 2 cartões de Telemóvel para falar grátis para todas as redes, tudo por €79.99 e numa só fatura.

Adira ao M_4O e tenha outra vida. Mais simples. Mais cômoda. E mais económica.

MEO

É OUTRA VIDA

06 ficha técnica
08 editorial
107 anedotas

JOANA VIEIRA
fotografada por
MARIA VASCONCELOS

66 **JOANA VIEIRA**
Sem segredos

22 **MÚSICA**
O regresso do ano!
Mr. Bowie, David Bowie

38 **VIAGEM**
O paraíso fica a dez
minutos de Évora

44
PLAYMATE
Não aconselhável
a diabéticos!
A muito doce
Andreia Machado

11 **MUNDO PLAYBOY** Pin-ups, pin-ups e mais pin-ups!

18 **CINEMA** É só testosterona

20 **TV** Nem dá vontade de sair de casa

24 **20 PERGUNTAS** Silêncio, que se vai falar de fado. Com Marco Rodrigues

30 **JOGOS** Deuses de Guerra, Aliens e carros de corrida

32 **LIVROS** O cinquentenário do Porsche 911 só podia dar um grande livro!

34 **LISTAS LESTAS** João Gobern e o prazer de fazer listas sem sentido

36 **GOURMET** No Bistro 100 maneiras com vinhos do Douro

40 **DESIGN** Um Hotel com vista para Pequim e uma mochila que vira alcofa

54 **GRANDE ENTREVISTA** Quentin Tarantino

60 **REPORTAGEM** Gostava de ter um carro desenhado por si, na Internet? Agora já pode

80 **FICÇÃO** Valter Hugo Mãe

86 **ESTILO** Ténis para andar bem calçado

94 **MOTORES** Oh Lord won't you buy me a Mercedes-Benz... ou um Opel Astra OPC

98 **TECNO** Os televisores estão em grande

102 **DESPORTO** Os treinadores estrangeiros que ensinaram os portugueses a ser bons treinadores

106 **JOGO REBELDE** Luís Aguliar sobre Vinnie Jones: besta no campo, bestial no cinema

114 **VINTAGE** Brigitte Nielsen em 1987, fotografada por Herb Ritts

92 **BEM ESTAR** Tudo o que precisa para ficar impecável

88 **UMA GANGA** Como usar uns jeans

108 **PAZ DE LA HUERTA** Por mais feias que ela, já se começaram guerras

PLAYBOY

Nº 9 › MARÇO 2013

DIRECTOR Marco Antônio dos Reis
EDITOR Bruno Lobo
REDACÇÃO Tiago Beato
EDITOR DE ARTE Luís Martins
COLABORADORES Ana Ventura, Catarina Palma, João Gobern, Luís Aguilar, Luís Merca, Michael Fleming, Neal Gabler, Pedro Rolo Duarte, Valter Hugo Mãe. Traduções: Sandra Almeida

FOTOGRAFIA Ana Dias, António Moutinho, Herb Ritts, Leah Hawker, Maria Vasconcelos, Mario Sorrenti, Paulo Alexandrino. Ilustrações: Esgar Acelerado e Hélio Falcão

PRÉ-PRESS Rodrigo Marques
PRODUÇÃO Francisco Rosa
MARKETING Ruben Baía
GERAL geral@playboy.pt
ASSINATURAS assinaturas@playboy.pt

MediaPage

PROPRIETÁRIO MediaPage
PUBLISHER Mário Pimentel
DIRECÇÃO COMERCIAL João Froes
DIRECÇÃO DE PUBLICIDADE Alexandra Li Ching alexandra.ching@playboy.pt
MORADA Av. Engenheiro Duarte Pacheco, 19, 7º Direito
1070 - 100 Lisboa, Portugal
TELEFONE 213 824 060 / 213 824 069 (fax)

ISSN 2182-6110 E.R.C. nº 126191
PERIODICIDADE Mensal
DISTRIBUIÇÃO: Logista **DEPÓSITO LEGAL:** 343560/12
IMPRESSÃO Jorge Fernandes, Lda
Em cumprimento do Art.º 16º, Nº 3, da Lei de Imprensa, informamos: maior tiragem 40 000 exemplares, referente à edição do mês de Maio de 2012

apct

PLAYBOY ENTERPRISES, INC.

Hugh M. Hefner
EDITOR-IN-CHIEF

U.S. PLAYBOY
Scott Flanders, **CHIEF EXECUTIVE OFFICER**
David Israel, President, **PLAYBOY MEDIA**
Jimmy Jellinek, **EDITORIAL DIRECTOR**
Mac Lewis, **ART DIRECTOR**
PLAYBOY INTERNATIONAL PUBLISHING
Tom Flores, SVP, **BUSINESS MANAGER PLAYBOY MEDIA**
Mary Nastos, **PUBLISHING SERVICES MANAGER**
Gabriela Cifuentes, **DIGITAL ASSET MANAGER**
Adam Podolski, **COORDINATOR**

VEJA-NOS AINDA EM...

site www.playboy.pt
facebook facebook.com/playboyPortugal
meocanal 770927
twitter twitter.com/playboy_pt
vimeo vimeo.com/playboyPortugal

MARCAS PREMIADAS POR
ESCOLHA
DO CONSUMIDOR

Todos somos consumidores, porque todos fazemos escolhas. E são as nossas escolhas que inspiram e influenciam as marcas, contribuindo para proteger os nossos interesses e defender as nossas preferências. A iniciativa "Marcas Premiadas por Escolha do Consumidor" reúne opiniões, percepções e expectativas dos consumidores, através de um processo de avaliação objectivo e rigoroso que premeia as marcas que mais satisfazem o consumidor.

Pela 1ª vez em Portugal, temos marcas premiadas por Escolha do Consumidor. Marcas que são a garantia de quem compra.

PARA MAIS INFORMAÇÕES VÁ A WWW.ESCOLHADOCONSUMIDOR.COM

QUANDO EU IA À BOLA

Marco António dos Reis
DIRECTOR

GOSTO DE FUTEBOL! Gosto desde que me lembro de ser gente. Por influência social, por sugestão cultural (sempre somos portugueses) ou, simplesmente, por culpa do meu pai (com quem ia à bola). Já o joguei e já o vi jogar, umas vezes bem e outras menos bem. Já me diverti, já me enervei, já exultei, já desesperei. Já saí de um estádio em êxtase e já saí absolutamente deprimido. Mas uma das coisas que sempre fui capaz de fazer foi regressar tranquilamente a casa.

Foi com dificuldade que, recentemente, vi adeptos de uma equipa visitante serem 'atropelados' pelos adeptos da equipa da casa, apenas e só porque... comemoravam um golo. Esqueceram-se rapidamente os da casa que, nem há dois anos, celebraram feitos idênticos – na transcendência desportiva – em grandes palcos nacionais e internacionais. A (in)tolerância parece cada vez mais presente no desporto-rei – talvez reflectindo a crescente insatisfação social – e, para defender a ida de famílias aos majestosos (e cada vez mais desertos) estádios nacionais, implementou-se uma medida de fundo visionária: a possibilidade de se dispensar a segurança policial!

Não sei exactamente onde irá chegar esta escalada descontrolada de violência (em particular nos estádios) nem o que é preciso acontecer para voltar a haver bom senso. Só sei que não vou seguramente com os meus filhos – à imagem do que o meu pai fazia comigo – a um estádio onde não há polícia.

O que não necessita de policiamento é a revista deste mês, repleta de mulheres com uma beleza capaz de parar o trânsito. Começando pela irresistivelmente sedutora Joana Vieira (fotografada pela estreante, nestas páginas, Maria Vasconcelos), passando pela inesquecível Paz de la Huerta (com o talento de Mario Sorrenti), visitando um editorial sul-africano com o tema *Pin-Up*, e terminando na beleza doce da Playmate nacional Andreia Machado (com fotos de Ana Dias). Como se não bastasse, temos ainda duas entrevistas dignas de registo: ao fadista Marco Rodrigues e ao cineasta americano Quentin Tarantino.

A todos boa leitura!

COLABORARAM NESTE NÚMERO

MARIO SORRENTI

Nome incontornável da fotografia nas últimas décadas, Mario Sorrenti está nas páginas da Playboy! Entre editoriais para revistas de moda, exposições em museus de arte contemporânea (Victoria & Albert, MoMA) e campanhas publicitárias, nada escapa ao talento deste napolitano residente em Nova Iorque.

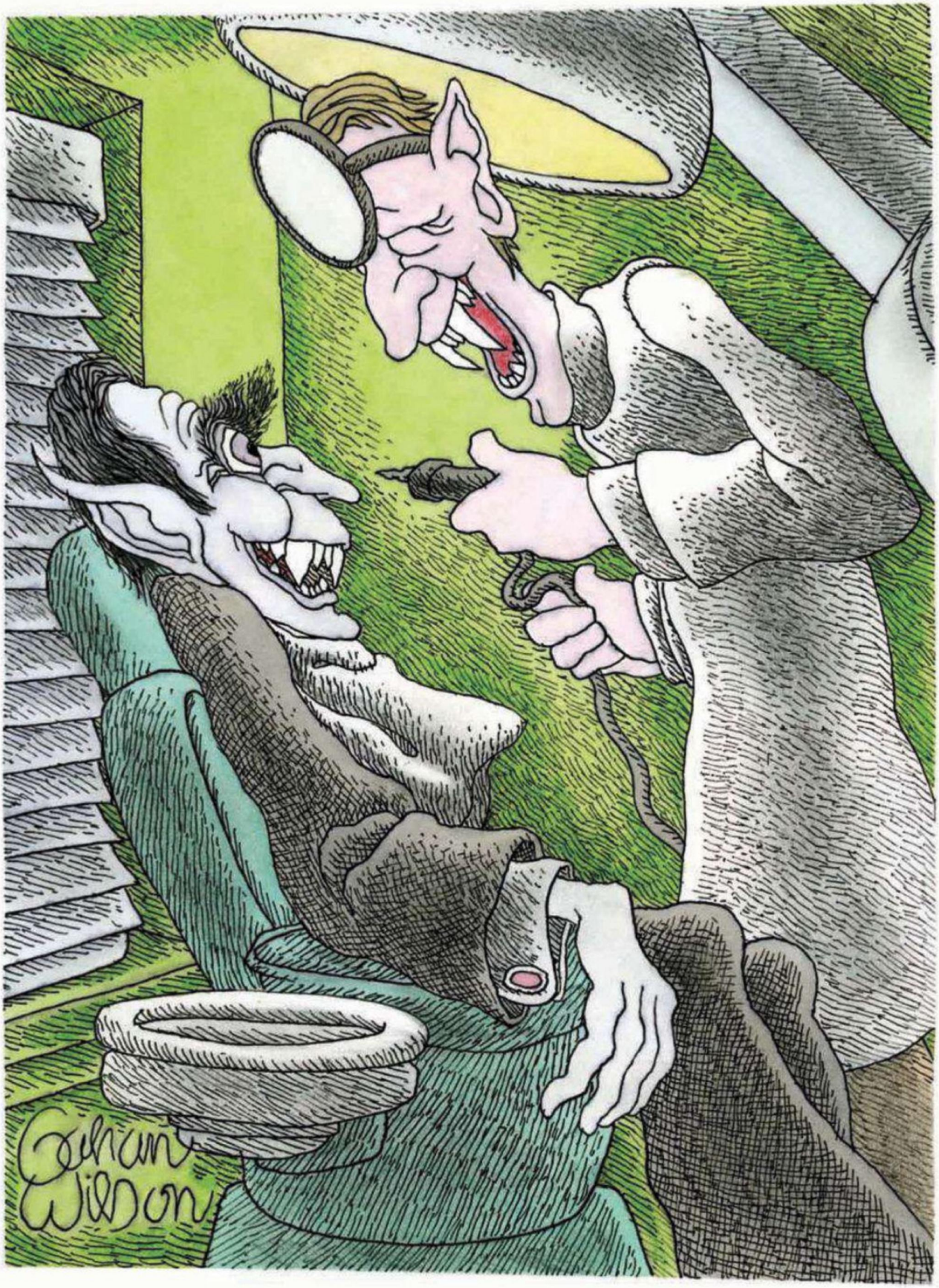
MICHAEL FLEMING

Jornalista nascido em Nova Iorque, cedo demonstrou o seu talento na *MIN* e *New York Newsday*. A passagem pela *Variety* despertou-lhe a relação com a indústria do cinema. Desde então tem via aberta para os maiores produtores e realizadores de Hollywood, escrevendo nas maiores revistas de todo o mundo. Daí colaborar com a Playboy, claro está.

MARIA VASCONCELOS

A sensibilidade feminina, aliada ao seu apurado sentido estético, fizeram com que não tivéssemos quaisquer dúvidas em apostar no talento desta jovem fotógrafa. E foi uma aposta ganha, como se poderá comprovar nesta revista, através do editorial da capa... a sua primeira capa!

SCI-FI • TERROR • AÇÃO
mov
www.canalmov.pt
A DIPLOMACIA ESTÁ SOBREVALORIZADA.
STRIKE BACK
2ª TEMPORADA QUARTAS ÀS 22H30
ESTREIA 20 DE MARÇO
Disponível em:
ZON
CABOVISÃO
optimus clix
vodafone
facebook.com/CanalMOV



Não se preocupe, Sr. Conde, veio ao dentista certo.

PLAYLIST

O melhor do mês em revista

MUNDO PLAYBOY

ESTE MÊS, TEMOS ALGO DE ESPECIAL. Em vez de lhe trazermos algumas das melhores fotografias das nossas revistas-irmãs, trazemos antes uma única sessão, na qual várias Playmates sul-africanas fazem uma viagem no tempo e tornam-se Pin-ups. Apropriadamente intitulada Playmates Go Pin Up, da autoria da fotógrafa Leah Hawker, a sessão inspira-se nas fotos icónicas dos anos 50, quando a Playboy apareceu.

Wendy Du Toit

Kate Lovemore

Jade Fairbrother

Yolandi Wiggett

Mpho Tsila

Yolandi Malherbe

THE LAST STAND

ELE TINHA PROMETIDO várias vezes com o famoso "*I'll be back*", e cumpriu. O ex-Governador da Califórnia está de volta ao cinema de acção (depois da perninha n'*Os Mercenários*) e promete não deixar pedra sobre pedra. Desta vez, o ex-*Exterminador Implacável* encarna a personagem de Ray Owens, um Sheriff "reformado" da divisão de narcóticos, na polícia de Los Angeles. Agora, numa pequena cidade junto à fronteira com o México, será o último recurso da Lei para que um barão da droga em fuga não saia de território americano. Forest Whitaker, Eduardo Noriega e o brasileiro Rodrigo Santoro, são apenas alguns dos nomes que quiseram aproveitar a boleia do regresso do eterno Mister Olympia (sempre foram sete títulos). Esta é ainda a estreia do realizador coreano Kim Jee em Hollywood, depois do enorme sucesso além-fronteiras de *Eu Vi o Diabo* (*Akmareul Boatda* no seu título original). MARCO REIS

Estreia 28 de Fevereiro

ARNIE EM ACÇÃO

1982
Conan, O Bárbaro
1984
O Exterminador Implacável
1985
Comando
1987
O Predador
1988
Inferno Vermelho
1988
Gémeos
1990
Desafio Total
1991
Exterminador Implacável 2: O Dia do Julgamento
1993
O Último Grande Herói
1994
A Verdade da Mentira

21 AND OLDER

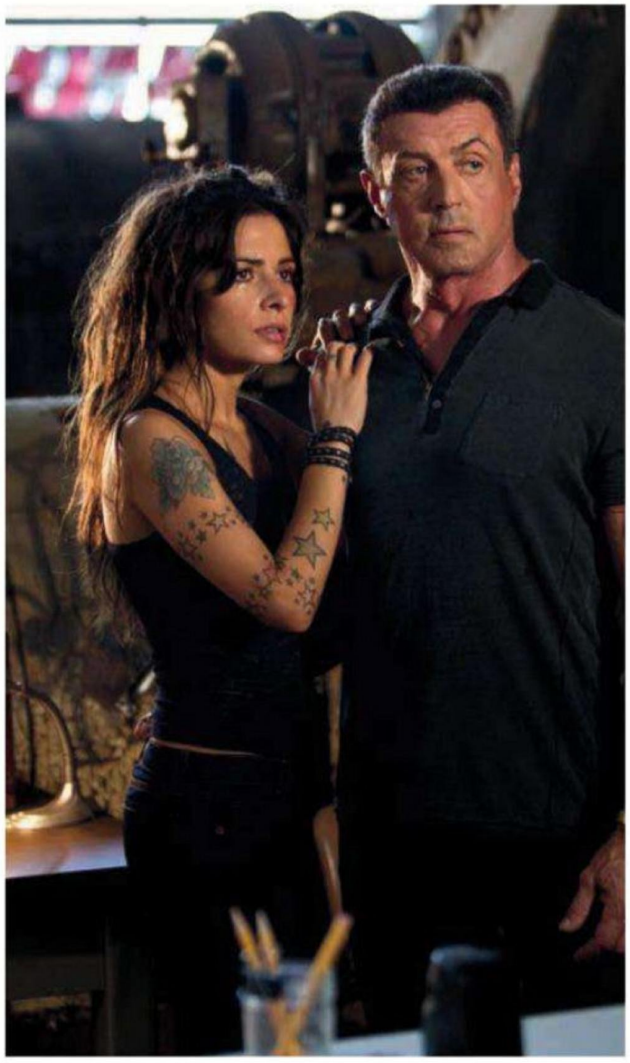
Jeff Chang (Justin Chon) é um exemplar aluno do curso de medicina. Na véspera do seu exame final, decide surpreender tudo e todos e comemorar o seu 21º aniversário de uma forma brutal. Realizado e escrito pela dupla Jon Lucas e Scott Moore, os criadores de *A Ressaca*, é fácil perceber o que vem aí. De uma simples cerveja ao caos absoluto é um pulinho, entre muitas e boas gargalhadas.

Estreia 21 de Março

SNITCH INFILTRADO

Existiram vários termos para traduzir este Snitch, entre delator, denunciante, informador, bufo ou traidor. Nós preferimos mantê-lo no seu original, sendo que o caro leitor já terá percebido do que trata este filme. Adrenalina a rodos, num filme que se baseia em factos verídicos e que nos traz Dwayne Johnson (*The Rock*) num invulgar papel de pai que terá de se infiltrar entre criminosos para salvar o seu filho.

Estreia 14 de Março



BULLET TO THE HEAD

Não há que enganar! Apesar das mais de 60 primaveras, Sylvester Stallone continua duro como uma rocha e fiel à acção... muita acção. Em *Bullet To The Head* ele é James Bonomo (Jimmy Bobo para os amigos), um assassino que estabelece uma improvável aliança com o detective Taylor Kwon (Sung Kang) para vingar a morte dos seus colegas. Realizado por Walter Hill, reconhecido pelos seus filmes de acção (*O Último a Cair*) e westerns (com a série *Deadwood*), deixa a cargo de Sarah Shahi a habitual presença feminina. Mas muito fugaz, já que ela é Lisa, a filha que Bobo terá, em determinada altura, de resgatar. O papel do mau da fita Keegan fica entregue a Jason Momoa, ainda a tentar recuperar do fracasso em *Conan – O Bárbaro*. E assim, passados quase 30 anos, vamos a mais um round nas bilheteiras mundiais: de um lado Sly "Rambo" Stallone com este *Bullet To The Head*; do outro, Arnie "Comando" Schwarzenegger, prestes a estrear *The Last Stand*.

Estreia 14 de Março

BOARDWALK EMPIRE

VEM AÍ A TERCEIRA TEMPORADA de *Boardwalk Empire*. A série, com o selo de qualidade da HBO, regressa com o claim "Não se pode ser meio gangster!". E a verdade é que regressa muito forte. A violência reina entre redes de jogo e prostituição, apimentadas pelas movimentações políticas e os jogos de poder local. Com a morte de Jimmy (Michael Pitt) na (eventual) consciência, Nucky (Steve Buscemi) prepara-se para uma sangrenta luta territorial, na rota do tráfico do proibido álcool. Ao elenco que transita da segunda temporada, duas notas para duas novas dores de cabeça de Nucky: a chegada do temperamental e territorial Gyp Rosetti (Bobby Cannavale); e da namorada de juventude Billie Kent (Meg Steedle), para complicar ainda mais o seu (já de si) complicado casamento com Margarete (Kelly MacDonald). Adaptada para televisão a partir do livro *Boardwalk Empire: The Birth, High Times and Corruption of Atlantic City*, de Nelson Johnson, a série foi apadrinhada desde o arranque por Martin Scorcese. De resto, Scorcese divide a sua realização com Tim Van Patten, e a produção com Terence Winter (*Os Sopranos*) e Mark Wahlberg (*Entourage*). **MARCO REIS**

Quarta (21:30), no AXN Black - **Estreia** (3T) 27 de Março

STRIKE BACK

BASEADA NO ROMANCE do ex-SAS (Força Especiais Britânicas) Chris Ryan, é uma das mais fortes e conseguidas apostas da SKY. Fiel à experiência bélica do autor, acompanha a "Section 20" (Secção 20), uma unidade secreta antiterrorista dentro do MI6. Maioritariamente relacionada com o Médio Oriente, nota para os protagonistas Philip Winchester (Sargento Stonebridge) e Sullivan Stapleton (Sargento Scott), sob o comando de Rhona Mitra (Major Dalton).

Como é regra nas produções britânicas (como em *Hunted*, da concorrente BBC), a acção é quase sempre reflexo de uma complexa e inteligente teia de acontecimentos, enterrando o espectador contra o seu sofá. Numa ficção que se baseia no cenário da guerra, de que o terrorismo não foge, as relações e reacções humanas são sempre o mais valorizado. Ah, e muita acção, claro está!

Quarta (22:30), no MOV **Estreia** (2T) 20 de Março

A GUERRA DOS TRONOS

É uma das mais épicas séries de fantasia na história da televisão! A superprodução da HBO prepara-se para regressar. Mas, e enquanto a terceira temporada não chega, os senhores do canal SyFy em Portugal decidiram oferecer um presente aos fãs, ao mesmo tempo que dão uma derradeira oportunidade aos que ainda não a conhecem. Assim, poderemos acompanhar as duas primeiras temporadas durante o mês de Março, para, já em Abril, arrancarmos para a terceira. Prepare-se então para uma gloriosa jornada. Visualmente rica, desesperante na teia de jogos de poder e traições, desprovidas de qualquer sentido do Bem ou do Mal.

Seg., 4 de Março (22:15) T1 e T2 (ep. duplos), no Syfy | Seg., 8 de Abril (22:15) - **Estreia** T3

BLUE BLOODS

NASCEU EM 2010 com uma premissa que parecia ser pouco entusiasmante: o dia-a-dia de uma família de polícias em Nova Iorque. No entanto, a CBS conseguiu torná-la numa série de enorme sucesso, bem recebida pela crítica e com belas audiências. E, tudo isto, muito graças a um bem desenhado enredo, mas igualmente (muito) graças ao carisma de Tom Selleck (Francis "Frank" Reagan). Semanalmente, somos convidados a acompanhar a família Reagan, entre as três gerações de agentes da Lei. Mais do que uma simples série policial, *Blue Bloods* aborda a forma como a moralidade se concilia com o sentido de justiça.

Terça (22:30), no FOX - **Estreia** (3T) 5 de Março

KARMA CHAMELEON

CAMALEÃO. VISIONÁRIO. Irreverente. Experimental. Repita-se, camaleão – está escrito no seu código genético, como se fizesse parte do seu karma. Que se lixem os lugares-comuns: David Bowie é O camaleão. O humano que criou o alien que desafiou as premissas da música. O artista que nunca parou de se reinventar. A estrela que, no apogeu da sociedade imediata, conseguiu surpreender a voracidade das intrigas.

Em 2013, eis que David Bowie lança uma bomba-atómica: veio na forma de *Where Are We Now?*, uma introspecção ao seu presente, simultaneamente reminiscente dos seus dias de Berlim. Não é apenas a sua primeira canção nova em dez anos – é também o single de *The Next Day*, o seu 30º registo de estúdio e o primeiro desde *Reality*, do já distante ano de 2003.

"*Não podes contar a ninguém. Nem ao teu melhor amigo*". "*Posso dizer à minha namorada?*". "*Podes. Mas ela não pode dizer a ninguém*". Foi este o diálogo entre David Bowie e Tony Visconti, o produtor de *The Next Day*. A colaboração entre os dois espraia-se por mais de quatro décadas, sendo necessário viajar até 1969, e a *Space Oddity*, para se vislumbrar o primeiro encontro. Só tamanha cumplicidade poderia garantir aquilo por que ansiava: o total secretismo no seu regresso. Ao longo de dois anos, trabalharam num estúdio de Nova Iorque – duas semanas →

→ a cada dois meses. Nas ruas de Manhattan, Visconti passeava com as novas canções de Bowie nos auscultadores. "*Se vocês sonhassem aquilo que estou a ouvir...*"

A 8 de Janeiro de 1947, a Inglaterra recuperava da devastação da II Guerra Mundial, quando David Jones chegou ao mundo. A 8 de Janeiro de 2013, esse mundo acordava com uma inesperada explosão. Ao invés de se limitar a comemorar o seu 66º aniversário, David Bowie presenteava a comunidade da música com a mais inesperada notícia – estava de volta. De alguma forma, já todos tinham desistido de esperar. As celebrações dos 40 anos de Ziggy Stardust – a persona que, em 1972, tanto o catapultou para a mitologia cultural como quase aniquilou a sua humanidade – levaram às capas das maiores publicações um misto de exaltação e de obituário. O Bowie-artista parecia ter sido obliterado pelo Bowie-pai-marido-coleccionador de arte. O que todos se tinham esquecido é que a sua essência sempre foi a de um coleccionador – de influências e referências. Ele nunca foi "apenas" um cantor: no seu âmago está um artista capaz de beber as suas variantes na música (claro!), mas também no cinema, no teatro, na literatura. Nas suas próprias palavras, "*suponho que procuro na música a mesma coisa que procuro na vida*". E essa procura nunca parou. Em *The Next Day*, Bowie volta a quebrar tabus. Ou melhor, a exacerbá-los. Quando toda a gente pensava que era impossível manter um segredo, conseguiu. Solitário por convicção – rapidamente compreendeu que tinha uma visão demasiado independente para as demandas democráticas de uma banda – não se rege pelas normas de ninguém. E a sua dualidade foi sempre uma constante: os olhos (o resultado de uma briga de escola que acabou por lhe conferir um exotismo sem paralelo), o sexo (à Playboy, em 1976, confirmou a sua bissexualidade, declarando que tinha usado essa realidade a seu favor, "*de alguma forma, foi a melhor coisa que me podia ter acontecido*"), e a voz – cuja carga dramática permite oscilações imediatas entre o mais grave dos graves e o mais agudo dos agudos. É tudo isto o que o distingue dos outros. E é isso que, em 2013, é reforçado por algo que já todos sabiam: David Bowie tem um campeonato só seu. **ANA VENTURA**

4 PONTOS CARDEAIS

THE RISE AND FALL OF ZIGGY STARDUST AND THE SPIDERS FROM MARS

Teatro experimental, art-pop, revolução sexual, glam-rock – tudo numa só personagem, algures entre o profeta glamoroso e o alien andrógino. O quinto álbum tinha que ser um tiro certo: tornou-se uma obra-prima que o imortalizaria como a mais magnífica estrela da constelação pop.

BERLIM

Depois de a personagem Ziggy Stardust quase ter aniquilado o próprio criador David Bowie, o artista mudou-se para Berlim: produziu a estreia de Iggy Pop a solo (*The Idiot*) e apresentou a sua própria trilogia (*Low*, *"Heroes"* e *Lodger*), um misto de exploração krautrock com experiências minimais e abstractas.

REALITY

Em plena digressão, depois de uma angioplastia de emergência, cancela todos os compromissos e afasta-se do grande cenário da música, à excepção de algumas colaborações pontuais. Em 2007, após um dueto com Scarlett Johansson, em *Anywhere I Lay My Head*, o álbum de tributo a Tom Waits, deixa o universo em suspenso.

THE NEXT DAY

David Bowie não sabe não ser David Bowie, e o novo álbum não foge à regra: monumentos rock onde a exposição pessoal do primeiro single contrasta com observações na terceira pessoa, de soldados de outras épocas ou narrações medievais. É uptempo mas também misterioso e sexy. O clássico David Bowie é assim: inesperado e excitante.

BURAKA SOM SISTEMA

> **Box**

Era improvável que um colectivo dos subúrbios de Lisboa, com a electrónica na ponta dos dedos e o mundo no horizonte, pudesse percorrer o caminho dos Buraka Som Sistema. Chamaram-lhes kuduro progressivo e electro-guetto, mas nenhuma definição parece exacta. Agora reúnem-se, num só objecto, todas as edições até à data, ao lado de uma colecção de remisturas assinadas por Júlio Bashmore, Hot Chip, entre outros. Este pode bem ser o verdadeiro epíteto de "world music".

SOUNDGARDEN

> **King Animal**

O regresso de uma banda raras vezes dá bons resultados. *King Animal*, o primeiro álbum dos Soundgarden desde *Down On The Upside*, de 1996, é uma dessas excepções: um registo onde a personalidade de um dos vértices fundamentais do grunge exibe exponencial e energia, e onde se confirma uma eterna certeza – Chris Cornell é um dos maiores vocalistas da história do rock. A idade assenta-lhes bem.

MUMFORD & SONS

> **Babel**

Country nascido em Inglaterra, e rock com o banjo como companhia – tudo, nos Mumford & Sons, parece desconcertante. E é essa a sua magia. Ao segundo registo, o quarteto prova que a mais tradicional folk pode invadir as ondas radiofónicas e conquistar multidões em todo o planeta. O Grammy para Álbum do Ano prova aquilo que já todos sabiam: *Babel* é uma incrível e destemida viagem, na qual vale a pena embarcar.

MARCO RODRIGUES

Encontrámo-nos no Bairro Alto, junto à estátua do cauteleiro. Espera que lhe saia o Euromilhões, apesar de nunca jogar, mas tem como grande aposta salvaguardar esse património tão nosso: o fado. Texto **Tiago Beato**

01 O apelido Rodrigues é teu ou adoptaste-o para te facilitar a entrada no mundo do fado?

(risos) É meu, não é nome artístico. E foi coincidência o maior ícone do fado ser Amália Rodrigues. Já me perguntaram se sou da família e costumo dizer, na brincadeira: "Sou, mas não quero que se saiba".

02 Também ouvias Metallica e Nirvana, como qualquer adolescente, ou cresceste a ouvir fado?

Não, aos 15 anos nunca tinha ouvido fado. Conhecia a Amália, mas nem conhecia um fado inteiro dela. Comecei a cantar aos oito anos, com o meu pai, e a música que ouvia era mais popular. Depois tinha algumas bandas de eleição, como os Men at Work e os Gene Loves Jezebel.

03 Fora do fado, qual é a tua banda preferida da actualidade?

Gosto muito de world music e tenho algumas referências, como Richard Bona, que é um baixista e cantor camaronês, tal como uma pianista japonesa chamada Hiromi Uehara, mas não consigo apontar uma banda como a preferida. Se tiver de escolher um nome, aponto a Elis Regina.

04 Como é que um puto de Amarante chega ao fado?

Os meus pais separaram-se e vim para Lisboa com a minha mãe. Como cantava no grupo do meu pai e já tinha ganho alguns concursos, já em Lisboa participei na Grande Noite do Fado. Aprendi a cantar dois ou três fados, participei no concurso em 1999, venci, e só depois vim aqui ao Café Luso (casa de fado no Bairro Alto). Todo o ambiente foi apaixonante e lembro-me de ter pensado que aquela era a matriz da música que queria fazer. A partir daí comecei a descobrir o fado e a evoluir.

05 Como é que se desenvolve esse processo?

O fado é uma coisa que se toca, que se sente e que se vive, ao contrário de outros estilos, em que não precisas de viver no espaço onde elas nasceram e cresceram. O fado vive muito disso: ouvir as histórias dos mais velhos, conhecer as características, que são muito específicas, e o processo de evolução é ir a casas de fado e a tertúlias, perder a vergonha e cantar. Às vezes o vinho ajuda um bocado. *(risos)*

06 Já que falas no vinho: um fadista é um boémio? Há sempre essa ligação.

Vai haver eternamente, basta trabalhar à noite. Assim de repente não me estou a lembrar de nenhum fadista que não beba o seu copo. *(risos)* Uma das minhas bebidas preferidas, e sem qualquer tipo de pudor, é o vinho. Adoro vinho! E as casas de fado têm o ambiente propício para que as pessoas bebam um copo e se sintam mais à vontade para se libertarem.

07 Voltando à adolescência, andavas sempre com uma guitarra atrás, para aproveitares cada intervalo das aulas?

Não, só comecei a tocar há uns oito anos. E foi pela seca que sentia ao estar num elenco de cinco fadistas, cantar três fados, e ter de esperar novamente a minha vez. Então armei-me em atrevido, peguei numa viola e comecei a sentar-me ao lado dos outros músicos nas casas de fado. Foi assim que aprendi. Hoje acho que é fundamental para apresentar a música que faço. Assim posso controlar as dinâmicas, a intensidade rítmica, e é muito mais fácil para quem me está a acompanhar, porque sentimos a música da mesma forma. E isso é fantástico.

08 O teu primeiro álbum intitula-se *Fados da Tristeza Alegre*. Existem fados alegres ou sem tristeza perde-se o ADN?

Isto até pode parecer um bocado doentio, mas a sensação de me sentir triste,

no fundo, é muito boa. Estou ali a consumir aquela dor e só depois é que consigo vir cá para cima com a força toda. É um sentimento bom quando fecho as persianas e meto uma música deprimente para ficar ali fechado no meu mundo, a chorar, se for preciso, e enterrado naquela tristeza toda. E durante aquele tempo não quero sair de lá, faço questão de viver esse processo. E ressaco, preciso daquilo! Só conhecemos a felicidade porque já estivemos tristes e acho que um artista precisa destes dois mundos.

09 Em *EntreTanto*, o teu mais recente trabalho, contas com letras escritas por quatro mulheres, entre outros autores. Porque é que juntaste o sentimento feminino às tuas canções?

Surgiu de uma forma natural. Quando fiz o primeiro tema, pedi logo a uma colega minha, a Isabel Noronha. Depois, já no disco *Tantas Lisboas*, apareceu a Inês Pedrosa, e não quis deixar de lhe pedir mais uma vez que escrevesse. Entretanto conheci a Luísa Sobral, acho que ela tem um talento incrível, e também a chamei para este trabalho. Por último, aparece uma mulher incontornável do fado, que é a Manuela de Freitas. Convidei-a e enviou-me um poema brilhantemente escrito, que acabou por dar nome ao álbum. Não foi nada premeditado, mas as mulheres estão particularmente presentes neste disco.

10 E nos extras tens o tema *A Vida Inteira*, da Dora. Foi a capa da Playboy que te inspirou?

(risos) Não, não foi a Playboy. Este tema entra aqui através do Ernesto Leite, que já tinha composto para o meu disco anterior e tinha esta música em parceria com a Dora. Achei piada ao tema, porque é cinematográfico e é diferente do conceito do disco. Não tem nada a ver com a capa, que ainda não vi. Mas já vou ver!

11 Já te aconteceu pedires para te escreverem uma letra e o resultado não ser o que esperavas?

Já. Aliás, acontece em todos os discos. O letrista pode achar que escreveu das melhores letras que já fez, mas se o intérprete não se identificar com o tema, não faz sentido gravar. Até porque estamos limitados ao alinhamento, e se pudéssemos pôr tudo, teríamos álbuns com 40 temas. Tenho neste disco muitos autores que acabei por não gravar, mas é um risco que corremos e temos de olhar para isso de uma forma saudável. Embora seja difícil, porque sei perfeitamente que há certos compositores que ficam ressabiados. Só acho que os intérpretes, se não gravarem, devem ter a honestidade de ligar para as pessoas e avisar.

12 Quando compões um novo trabalho consultas a opinião de família e amigos antes de o mostrares à editora?

Posso dizer que a minha família gosta muito do meu trabalho mas, à excepção do meu pai, que é músico, o núcleo duro é um bocado insensível à música. Posso querer mostrar uma coisa que acabei de fazer, e que até gravei de propósito para mostrar, mas dispersam. Portanto, a minha família é provavelmente a última a ser procurada. Mas como tenho amigos músicos, passa muito por eles.

13 Além dos países com muitos emigrantes portugueses, já actuaste num destino menos óbvio?

Já, como no último festival onde estive, que foi num monte, em Goa, na Índia. E quando comecei a cantar com o meu pai, sítios insólitos era ali. Desde cantar em cima de carroças, de tractores, em cima de penedos, em sítios mal cobertos, em que chovia nos palcos... Tive uma boa escola! Hoje, quando chego a um teatro para apresentar um espectáculo e vejo um camarim com catering, acho aquilo um luxo.

14 E não chove lá dentro...

(risos) Nem apanho choques no microfone, como apanhava muitas vezes por causa das más ligações. Isso é muito enriquecedor e é a base para conseguires criar uma carreira e dares valor a coisas que, se não tivesses passado pelo oposto, nunca darias.

15 Teres participado num disco da Maria Gadú abriu-te as portas do mercado brasileiro?

Sem dúvida. Mais do que abrir portas, ir gravar ao Rio de Janeiro foi uma experiência enriquecedora. Conhecer os músicos, os produtores e a realidade daquela cidade, onde se respira música. Depois, poder participar nos dois grandes concertos de apresentação do disco, eu e o Lenine, no Rio e em São Paulo. E foi muito bom conhecer o Milton Nascimento, a Ana Carolina... Estive na casa dela numa tertúlia musical inacreditável. E até contou com vinho português, que normalmente é só o que ela tem!

DESDE CANTAR EM CIMA DE CARROÇAS, DE TRACTORES, À CHUVA... TIVE UMA BOA ESCOLA! HOJE, QUANDO CHEGO A UM TEATRO E VEJO UM CAMARIM COM CATERING, ACHO AQUILO UM LUXO!

16 Consegues dizer qual foi o teu melhor concerto?

Todos os concertos têm uma vida própria. Claro que há uns que não correram tão bem, mas não acho admissível um profissional não ter os chamados mínimos olímpicos. Foram marcantes os dois concertos nos Coliseus com a Maria Gadú, tal como os festivais ao ar livre. Há dois anos, no Festival do Crato, toquei antes dos Expensive Soul. Tinha ali um público com miúdos de 16 anos, que nem estão despertos para o fado, e ao terceiro tema já os tinha a gritar "e salta Marco, e salta Marco". Mas

o concerto ideal? Acho que enquanto fizer música vou andar à procura dele.

17 Esta nova geração de fadistas voltou a projectar o fado?

Sim, há uns 15/20 anos estava completamente esquecido. A mudança deve-se aos novos intérpretes, que começaram a pisar palcos de grandes festivais de world music. Foi preciso sentirem que estava a ter sucesso lá fora para se dar valor cá. Sempre houve a ilusão dos teenagers quererem ser músicos, e o fado não era o tipo de música que entrava nesse sonho, porque não tinha projecção. As crianças querem ser o reflexo do que vêem na televisão. E tendo como referências os discos mais antigos, havia sempre a barreira do som: se quiséssemos ouvir os discos do Alfredo Marceneiro ou da Amália, assim que se ligava o gira-discos o ouvido não estava preparado para aquilo.

18 Já há miúdos que querem ser o Marco Rodrigues?

Não sei se querem ser o Marco Rodrigues. O que sei é que fico muito orgulhoso quando passo numa tertúlia de fado ou quando vejo na televisão algum miúdo a interpretar os meus temas.

19 Na prática, o que se ganhou com a declaração do fado como Património Imaterial da Humanidade?

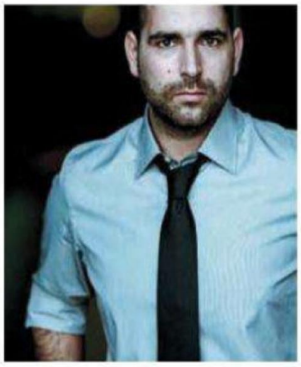
Ganhou-se mais mediatismo, logo o fado chega a mais pessoas. Começou a haver mais preocupação para se conhecer tanto a história do fado como os novos intérpretes. Isso foi fundamental neste período, mas acho que o grande trabalho tem de ser feito agora, depois de conseguida a distinção, que é salvaguardar o património.

20 De entre os elogios à tua voz, houve algum que te tenha deixado mesmo orgulhoso?

Tenho muito orgulho em ter escolhido a música que quero fazer. E o sucesso pode vir daí, da genuinidade. Escolhi uma matriz, que se chama fado. Depois é simplesmente deixar, sem complexos, que todas as minhas influências entrem nessa matriz e, *EntreTanto*, surge o fado que eu faço.

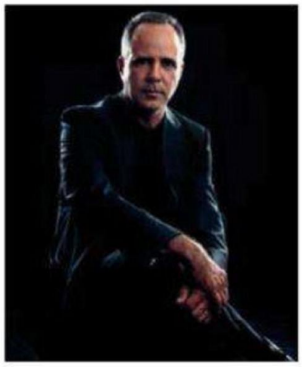
2 SÁBADO
REAL MADRID-BARCELONA

Muito mais do que um jogo de futebol, um Real-Barça é a certeza de um espectáculo emocionante com desfecho inesperado. E que tal acompanhar este duelo entre Ronaldo e Messi numa peña em Portugal? Vá até Cascais, se torcer pelos Merengues, ou perto da Av. da Liberdade, em Lisboa, caso seja Blaugrana.



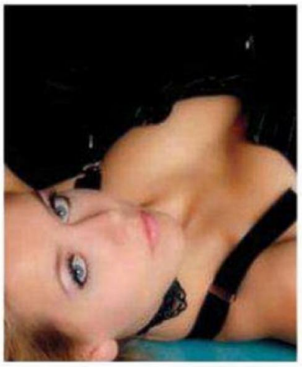
4 SEGUNDA
LANÇAMENTO DE *EntreTanto*

Chega hoje às lojas o novo álbum de Marco Rodrigues, o nosso entrevistado deste mês. O terceiro trabalho deste músico, já uma referência a nível internacional, vem confirmar o enorme talento de um homem que só aos 15 anos se apaixonou pelo fado. Mas deixamos essas histórias lá mais para a frente, nas nossas 20P.



8 SEXTA
RODRIGO LEÃO E OGRE NO CCB

Uma noite que promete muita e boa música, às 21h. No Grande Auditório, Rodrigo Leão, um dos principais compositores contemporâneos portugueses, regressa com um novo espectáculo a esta sala. Já no Pequeno Auditório, o quinteto que compõe os Ogre apresenta o álbum de estreia, *Electrodoméstico*.



8 SEXTA
DIA INTERNACIONAL DA MULHER

Anda menos empenhado na sua relação e mais preocupado com a seu umbigo? É o namorado/marido perfeito, que se esforça constantemente para agradar à sua cara metade? Seja qual for o seu perfil, hoje empenhe-se a sério, porque elas são o melhor que o mundo tem. Nós fazemos por lhe relembrar isso todos os meses...

24 DOMINGO
MEIA-MARATONA DE LISBOA

O frio ainda aperta, mas talvez seja mais um motivo para sair de baixo dos cobertores e começar a treinar para a 23ª Meia-Maratona de Lisboa. A mítica prova que lhe permite atravessar a Ponte 25 de Abril a correr (ou a andar, vá), conta já com um recorde de inscrições que supera as 25 mil alminhas. Corra, para ainda apanhar vaga!

48%
DAS MULHERES PREFEREM USAR PELO MENOS UMA PEÇA DE ROUPA DURANTE O SEXO.

QUANDO CONFRONTADAS COM A QUESTÃO DE NOS VEREM COM CALÇAS APERTADAS, **68%** DAS MULHERES RESPONDEM QUE NÃO GOSTAM E **32%** DIZEM QUE APRECIAM O ESTILO.

37%

EM PLENO ACTO SEXUAL, **37%** DAS MULHERES JÁ FANTASIARAM COM AMIGOS, **35%** COM CONHECIDOS, **34%** COM EX-NAMORADOS, **21%** COM ESTRELAS PORNO E **19%** COM COLEGAS DE TRABALHO.

UM ESTUDO DE UM PSICÓLOGO FRANCÊS, SOBRE MULHERES QUE PEDEM BOLEIA, REVELOU O SEGUINTE: AS QUE USAM SOUTIEN COM COPA A TÊM 15% DE SUCESSO COM OS CONDUTORES MASCULINOS, MAS JÁ AS QUE USAM COPA C FAZEM PARAR 24% DOS HOMENS.

24%

NUM INQUÉRITO RECENTE, 68% DOS HOMENS MOSTRARAM-SE FAVORÁVEIS A TOMAR UMA PÍLULA MASCULINA PARA NÃO ENGRAVIDAREM AS PARCEIRAS. E 73% DAS MULHERES GOSTARIAM QUE TOMÁSSEMOS ESSE CONTRACEPTIVO.

HÁ 15 ANOS, A MAIORIA DOS SOUTIENS VENDIDOS NOS ESTADOS UNIDOS TINHAM O TAMANHO 34B. ACTUALMENTE, É O 36C.

EM 1998, A POLÍCIA SEGUIA 12 SITES EXTREMISTAS/ TERRORISTAS NA INTERNET. EM 2006, ESSE NÚMERO TINHA SUBIDO PARA OS 4500. E HOJE? JÁ SE PERDEU A CONTA!

12

CERCA DE **DOIS MILHÕES** DE PESSOAS LIGAM-SE À INTERNET PARA PROCURAR PORNOGRAFIA... A CADA MINUTO! CURIOSAMENTE, **70%** DESSAS ENTRADAS OCORREM ENTRE AS 9 E AS 17H.

EM 2009, 21% DOS ENCONTROS FORAM COMBINADOS ATRAVÉS DE E-MAIL E 5% DAS RELAÇÕES TERMINARAM POR TEXTO. NOS ESTADOS UNITOS, CLARO.

21%

GOD OF WAR: ASCENSION

(PS3)

NO DIA 12 DE MARÇO chega às lojas, o mesmo é dizer que chega a sua casa, e tem criado muita expectativa junto da vasta legião de fãs da série. Um dos principais motivos é que, pela primeira vez, este exclusivo para a PlayStation 3 vai disponibilizar um modo multiplayer, até oito jogadores. Sozinho ou numa equipa de quatro jogadores, o objectivo é controlar o mapa para obter a merecida recompensa dos Deuses. O sétimo capítulo de *God of War* é a aventura mais ambiciosa da série, e a equipa dos estúdios de Santa Monica já anunciou que a jogabilidade surge com algumas alterações e novas mecânicas de combate. A narrativa leva-nos às origens da história que já conhecemos. Com a mitologia grega sempre presente, Kratos, a nossa personagem, vendeu a alma a Ares, que o enganou no passado e o levou a matar a própria mulher e a filha. Condenado a ficar para sempre numa prisão criada para os amaldiçoados, vai valer-se, uma vez mais, das suas Lâminas do Caos para enfrentar todos os que se atravessarem no seu caminho. **TIAGO BEATO**

DEAD SPACE 3

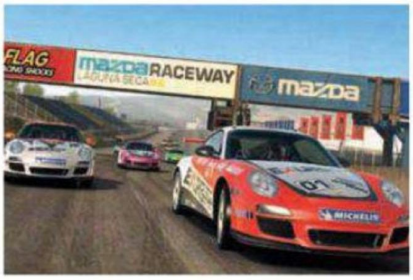
(PS3, XBOX E PC)

> Aclamado pela crítica como um dos jogos mais esperados do ano. Somos lançados no Espaço e ao chegarmos a Tau Volantis, um planeta gelado e bastante hostil, temos de explorar cavernas e naves espaciais abandonadas, com o suspense e a acção características da série. Sozinho ou em modo co-op, prepare-se para mergulhar no mais misterioso terror espacial e eliminar os Necromorph.

ALIENS: COLONIAL MARINES

(PS3, XBOX, PC E Wii U)

> Terceiro título da série *Aliens*. Somos Christopher Winter, um destemido Colonial Marine. A acção passa-se em ambientes claustrofóbicos, mas temos um arsenal que mete respeito ao mais assustador alien. E nem o exosqueleto mecânico com que Ripley ataca a rainha no filme foi esquecido!



REAL RACING 3

(IOS E ANDROID)

> É um dos jogos mais esperados para smartphones. E será gratuito! Apesar da esmola ser grande, também já foi anunciado que, mais tarde, os amantes da velocidade, que encontram aqui 46 carros e vários circuitos licenciados, terão de pagar para aceder a alguns conteúdos. Parece que é a chegada dos DLC ao modo portátil.

Clube VII
HEALTH & FITNESS CLUB

PLAY PADEL*

O Padel chegou ao **Clube VII**.

Em pleno Parque Eduardo VII,
junto à Estufa Fria.

* Jogue Padel

GINÁSIO | AULAS DE GRUPO | CAMPOS DE PADEL | CAMPOS DE TÉNIS | PISCINA

clubevii-lisboa.com/playpadel | facebook.com/clubevii | 808 277 288

PORSCHE 911

O NOME, SÓ POR SI, É UM CLÁSSICO. E no actual panorama da indústria automóvel, um modelo (desportivo, ainda por cima) conseguir celebrar o cinquentenário, é obra. Há 50 anos, no Salão Automóvel de Frankfurt de 1963, a Porsche apresentava um coupé, então ainda chamado 901, mas que por oposição de uma marca francesa (que detinha o exclusivo de siglas numéricas de três dígitos, com um zero ao centro), foi rebaptizado como 911. A introdução no mercado deu-se no

TEXTOS
> JÜRGEN LEWANDOWSKI

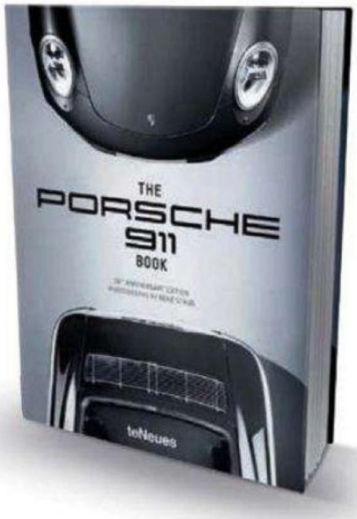
Nascido em 1950, este jornalista e escritor alemão tem mais de 25 anos de experiência e é autor de vários livros sobre marcas e modelos automóveis, sobretudo alemães. Nesta edição, fez uso de toda essa experiência para relatar, em curtos textos, a história do 911, um dos mais icónicos modelos que o Automóvel viu nascer.

FOTOS
> RENÉ STAUD

Fotógrafo alemão, nascido em Stuttgart em 1951, René Staud abriu o seu estúdio em 1975. Com o desenvolvimento do seu próprio sistema de iluminação MagicFlash®, Staud tornou-se um dos mais importantes fotógrafos do tema Automóvel, com trabalhos publicados para várias marcas de prestígio.

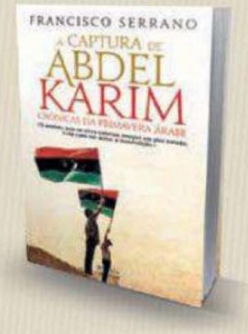
EDIÇÃO
> TENEUES

A editora alemã associou-se ao cinquentenário do Porsche 911, lançando em Março este livro sobre um dos mais importantes modelos da indústria automóvel mundial. Com 225 fotos, e texto disponível em inglês, Alemão, Francês, Russo e Chinês, esta é uma edição para coleccionadores e amantes das quatro rodas.



THE PORSCHE 911 BOOK
50TH ANNIVERSARY ED.
TEXTO: JÜRGEN LEWANDOWSKI
FOTOS: RENÉ STAUD
€ 98, 320 págs., 29 x 37 cm
Encomendas online
www.teneues.com

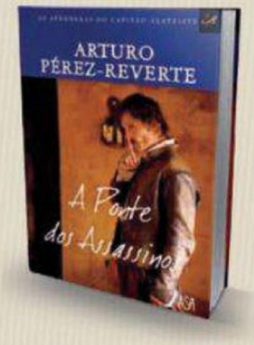
ano seguinte, em 1964, e desde então aquela silhueta característica – fruto do desenho de Ferdinand Porsche – faz parte do cenário das estradas de todo o mundo. E do imaginário dos amantes do Automóvel. Ao longo de 50 anos e de várias gerações (a actual tem o codename 991), a identidade visual do 911 manteve-se praticamente intocada, mais um ponto a destacar quando se pensa na evolução que o Automóvel teve desde o início dos anos 60. **LUÍS MERCA**



A CAPTURA DE ABDEL KARIM

> **FRANCISCO SERRANO**
OFICINA DO LIVRO, € 13.95

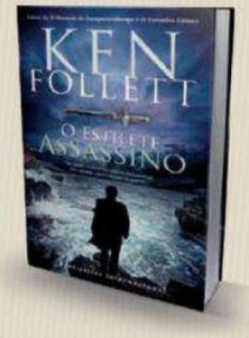
O autor é nosso velho conhecido e um grande jornalista de reportagem. Conhecedor profundo da realidade do Norte de África, estreia-se na escrita com um relato dos acontecimentos que acompanhou *in loco*, na Tunísia, Argélia, Líbia e Egipto, a chamada Primavera Árabe. Só que nem tudo foram flores naquela 'Primavera'...



A PONTE DOS ASSASSINOS

> **ARTURO PÉREZ-REVERTE, ASA, € 13.90**

Sétimo volume da saga *As Aventuras do Capitão Alatriste*, o mosqueteiro espanhol do século XVII, criado por Pérez-Reverte, o autor espanhol mais lido no mundo. Nest'*A Ponte dos Assassinos*, Alatriste é enviado para Itália, numa missão difícil e arriscada, para tentar impor, pela força um governo favorável às pretensões da Coroa espanhola.



O ESTILETE ASSASSINO

> **KEN FOLLETT, BERTRAND, € 15.93**

Um thriller de espionagem – e de espionagem guerra, que é a melhor – passado nas semanas que antecedem o Dia D. Enquanto se prepara a invasão da Normandia, um espião a soldo de Hitler vê-se envolvido nas manobras de diversão dos Aliados, pouco antes do desembarque. Arrebatador e viciante, prende-nos às páginas, como é habitual no autor d'*O Buraco da Agulha*.

7 LISTAS

Longa, a luta. Louca,
a lufa-lufa. Lado a lado,
as listas levitam, levianas,
lânguidas, libidinosas.
Lícitas ou letais, louváveis
ou lesivas, lentas
ou liliputianas, a lei é lógica:
ler, com leveza e liberdade.
E depois imaginar todo este
parágrafo declamado por alguém
que não consiga ler os "eles".

João Gobern

1 S. BENTO, FAUNA E FLORA

Quem predomina no comando dos nossos destinos, ocupando o palácio de S. Bento, o reino animal ou o mundo vegetal? Desde Abril de 1974, a contagem parece clara e dá vantagem aos animais. Mas há hipóteses de recurso.

Adelino da **PALMA** Carlos: Flora, 1 – Fauna, 0
PINHEIRO de Azevedo: Flora, 2 – Fauna, 0
Carlos Mota **PINTO**: Flora, 2 – Fauna, 1
Maria de Lurdes **PINTASSILGO**: Flora, 2 – Fauna, 2
Francisco Sá **CARNEIRO**: Flora, 2 – Fauna, 3
Francisco **PINTO** Balsemão: Flora, 2 – Fauna, 4
Aníbal **CAVACO SILVA**: Flora, 3 – Fauna, 5 (a)
Pedro Passos **COELHO**: Flora, 3 – Fauna, 6 (b)

(a) Cavaco Silva dá para os dois lados.
(b) Decisão oficiosa, uma vez que há quem defenda que o ponto deveria ser entregue à Flora – e não à Fauna – por causa de Miguel RELVAS.

2 VIA RÁPIDA PARA O ÓSCAR

Anos houve em que pareciam ser a maior das ajudas para ganhar um Óscar de Hollywood. As limitações físicas ou psíquicas aparentavam ser um salvo-conduto para ganhar a estatueta. A moda parece ter abrandado, mas o registo não engana...

1. SURDA-MUDA, **Jane Wyman**, 1948, Belinda, A Escrava do Silêncio
2. RETARDADO, **John Mills**, 1970, A Filha de Ryan
3. PARAPLÉGICO, **Jon Voight**, 1978, O Regresso dos Heróis
4. SURDA, **Marlee Matlin**, 1986, Filhos de Um Deus Menor [a]
5. AUTISTA, **Dustin Hoffman**, 1988, Encontro de Irmãos
6. PARALISIA CEREBRAL, **Daniel Day-Lewis**, 1989, O Meu Pé Esquerdo
7. CEGO, **Al Pacino**, 1992, Perfume de Mulher
8. MUDA, **Holly Hunter**, 1993, O Piano
9. RETARDADO, **Tom Hanks**, 1994, Forrest Gump
10. CEGO, **Jamie Foxx**, 2004, Ray

(a) Marlee Matlin é a única das referidas a sofrer do problema retratado pela sua personagem

3 IMPULSOS DE ESQUERDA

Contrariados durante muito tempo, os canhotos gozam hoje da liberdade devida. E a lista conjunta é apenas uma amostra

1. **GEORGE BUSH**, presidente dos EUA
2. **BOBBY CHARLTON**, futebolista
3. **BILL CLINTON**, presidente dos EUA
4. **EMINEM**, rapper
5. **JEAN-PAUL GAULTIER**, estilista
6. **GEORGE MICHAEL**, cantor
7. **ROBERT DE NIRO**, actor
8. **STEVE OVETT**, atleta olímpico
9. **SARAH JESSICA PARKER**, actriz
10. **ROBERT REDFORD**, actor
11. **JULIA ROBERTS**, actriz
12. **SEAL**, cantor
13. **MARK SPITZ**, nadador olímpico
14. **EMMA THOMPSON**, actriz
15. **OPRAH WINFREY**, apresentadora de TV

4. AS MAIS PROCURADAS

NO VELHO OESTE DOS COWBOYS, ELAS DARIAM DIREITO ÀS MAIORES RECOMPENSAS, PORQUE SÃO AS MAIS PROCURADAS NA INTERNET. O RESULTADO É OBTIDO COM MÉDIAS DOS ÚLTIMOS 10 ANOS, SEGUNDO REVISTAS DA ESPECIALIDADE, VALEM IMAGENS, FILMES E CLIPES, NOTÍCIAS, ENTREVISTAS, MÁ LÍNGUA. DE TUDO UM POUCO. OU MUITO.

1. ANGELINA JOLIE, ACTRIZ
2. JENNIFER ANISTON, ACTRIZ
3. BRITNEY SPEARS, CANTORA
4. PARIS HILTON, SOCIALITE
5. LINDSAY LOHAN, ACTRIZ
6. VICTORIA BECKHAM, SOCIALITE
7. BEYONCÉ, CANTORA
8. MADONNA, CANTORA
9. LADY GAGA, CANTORA
10. KIM KARDASHIAN, SOCIALITE

5. GRANDES PALHAÇOS... E AFINS

ANTES DE CHEGAREM À FAMA E AOS PROVEITOS, MUITOS FORAM OS TALENTOSOS QUE ENTREGARAM OS RESPECTIVOS DESTINOS ÀS ARTES CIRCENSES. É DIFÍCIL IMAGINÁ-LOS LONGE DO HABITAT QUE LHES ATRIBUÍMOS, MAS AS BIOGRAFIAS NÃO MENTEM.

1. MESTRE DE CERIMÓNIAS, **Jeremy BEADLE**, apresentador de TV
2. PALHAÇO, **Roberto BENIGNI**, actor
3. ENGOLIDOR DE FOGO, **Pierce BROSNAN**, actor
4. FORÇAS COMBINADAS, **CANTINFLAS**, actor
5. TRATADOR DE ELEFANTES, **W.C.FIELDS**, actor
6. PALHAÇO, **Rupert GRAVES**, actor
7. TRAPEZISTA, **Jack HIGGINS**, escritor
8. ENGOLIDOR DE FOGO, **Bob HOSKINS**, actor
9. ACROBATA, **Burt LANCASTER**, actor
10. ASSISTENTE DE DOMADOR DE FERAS, **Christopher WALKEN**, actor

6. PRIMEIROS A CHEGAR, PRIMEIROS A FUGIR

DA VELOCIDADE DEPENDE MUITAS VEZES A SOBREVIVÊNCIA. A REGRA É VÁLIDA PARA OS QUE CAÇAM E PARA OS PERSEGUIDOS, CUJAS CAPACIDADES FORAM DEVIDAMENTE ESTUDADAS. CLARO QUE NESTAS MEDIÇÕES NÃO SÃO LEVADOS EM CONTA OBSTÁCULOS OU CIRCUNSTÂNCIAS...

1. CHITA, 114 km/h; **2.** ANTÍLOPE, 95 km/h; **3.** GNU, 80 km/h; **4.** LEÃO, 80 km/h; **5.** CANGURU, 80 km/h; **6.** LEBRE, 77 km/h; **7.** RAPOSA VERMELHA, 77 km/h; **8.** GAZELA DE GRANT, 76 km/h; **9.** GAZELA DE THOMPSON, 76 km/h; **10.** CAVALO, 72 km/h

7. HELLO, HALLE!

UM DOS THRILLERS A ESTREAR NA PRIMAVERA TRAZ DE VOLTA A FIGURA ÚNICA DE HALLE BERRY, PRIMEIRA ACTRIZ NEGRA A GANHAR UM ÓSCAR PRINCIPAL. EM THE CALL ELA É UMA OPERACIONAL DE UM CENTRO DE ATENDIMENTO TELEFÓNICO QUE VAI "ASSISTIR" A UM CRIME ATRAVÉS DO SOM... ANTES DESSE REGRESSO, HÁ UM LONGO PERCURSO A NÃO PERDER DE VISTA.

1. **A Fúria do Último Escuteiro**, 1991, de Tony Scott
2. **Todos Diferentes, Todos Iguais**, 1995, de Stephen Gyllenhaal
3. **Decisão Crítica**, 1996, de Stuart Baird
4. **Bulworth - Candidato em Perigo**, 1998, de Warren Beatty
5. **Monster's Ball - Depois do Ódio**, 2001, de Marc Forster
6. **007 - Morre Noutro Dia**, 2002, de Lee Tanahori
7. **Gothika**, 2003, de Mathieu Kassovitz
8. **Um Perfeito Estranho**, 2007, de James Foley
9. **Tudo O Que Perdemos**, 2007, de Susanne Bier
10. **Ano Novo, Vida Noval**, 2011, de Gary Marshall

OS BOYS E O CHEF

OS DOURO BOYS são uma instituição nacional. Este grupo de produtores do Douro – que compreende a Quinta do Crasto, Niepoort, Quinta Vale D. Maria, Quinta do Vale Meão, Quinta do Vallado – anda há dez anos a promover os nossos vinhos pelo mundo. Ou os vinhos deles, se preferirem, mas o reconhecimento acaba por se estender a toda a produção nacional. Promovem sobretudo o carácter de excelência porque, nas suas Quintas, se produz do melhor que temos por cá, o que tem tido mais um efeito positivo, pois levou outros produtores a darem o salto qualitativo. A acção destes Douro Boys passa-se sobretudo lá fora, certo, mas, às vezes, também acontece por cá, onde um dos mais recentes eventos decorreu no Bistro 100 maneiras, do luso-jugoslavo (como se definiu numa recente entrevista à Playboy) Ljubomir Stanisic, de longe um dos melhores *chefs* nacionais. As estrelas eram mais do que muitas, a começar na comida (carpaccio de vieira com espinafres, avelã e couve-flor, de entrada; cuscuz transmontano de peixe e marisco; pregado corado com legumes grelhados, molho de funcho e palha de alho francês; e bistro bisteca, como pratos principais), e a acabar nos vinhos, com destaque para os Batuta 2010,Vale Dona Maria 2010, Vale Meão 2008, Charme 2008, Quinta do Vallado Reserva Field Blend Tinto 2009; e o Quinta do Crasto Tinta Roriz 2010 ou o Tiara 2010 do lado dos brancos. É difícil imaginar um melhor lote de vinhos para prova. E como estamos a falar do Douro, para acompanhar a sobremesa (chocolate com frutos vermelhos e uma espuma de queijo com goiaba) vieram uns Portos Vale Dona Maria lote 010, Crasto Finest Reserve, Vintage Vale Meão 2008 e Adelaide Vallado 2009. **BRUNO LOBO**

MAIS EVENTOS A NÃO PERDER NO BISTRO 100 MANEIRAS – DUELO DE IRMÃOS: a dupla Ljubomir Stanisic/João Simões vs Augusto Gemelli, o milanês radicado em Lisboa (semana de 20 a 26 de Março). DESAFIO TRANSATLÂNTICO: semana luso-nipónico-jugoslava, com o restaurante Tomo; e BISTRO CINEMA: com ligações entre alguns filmes e comida, mais animação temática. (Estes ainda sem data marcada. Fique atento ao nosso Facebook)

THE BUNNIES ARE BACK

PLAYBOY CLUB LONDON NOW OPEN

14 Old Park Lane,
London W1K 1ND
United Kingdom
T +44 (0)20 7491 8586
W www.playboyclublondon.com

PLAYBOY CLUB
LONDON

QUE BEM SE ESTÁ NO CAMPO!

COM A PRIMAVERA CHEGAM OS PASSARINHOS, as flores, o Sol... e blá, blá, blá. Afinal, são apenas boas desculpas para marcar um fim-de-semana na Imani Country House. A tratar-se bem e a ser bem tratado. CATARINA PALMA

Este pequeno hotel de charme, a 10 minutos de Évora, abriu há menos de dois anos, mas já tem um prémio de "Melhor Turismo Rural" (atribuído pelo Turismo do Alentejo), e o nome inscrito na "Best New Hotels – Hot List 2012" da revista *Condé Nast Traveller USA*. Mas se o facto de andar nas bocas do mundo não é suficiente para aguçar a sua curiosidade, então demore-se a admirar o requinte de cada um dos seus sete quartos, todos diferentes, com áreas entre os 35 e os 80m². Vai ter alguma dificuldade em escolher...

De resto, o sossego e a privacidade são luxos que aqui se alcançam com facilidade, pois a quinta está emoldurada por dois hectares de jardins, grande relvados, árvores de frutos e cedros centenários, oferecendo muitos e variados recantos que convidam à contemplação a dois. E se as duas piscinas (uma delas adaptada a partir de um velho tanque) são locais eleitos quando o Sol aquece, ao anoitecer deixe-se ficar à lareira, ou pelo alpendre, mesmo ao lado de um simpático honesty bar. O restaurante improvável serve jantares apenas às sextas e sábados (há um menu de snacks e refeições ligeiras), mas tem como *chef* o actor José Pedro Vasconcelos (proprietário da quinta, a par da sua mulher, Mariana Roxo), sempre inspirado e talentoso.

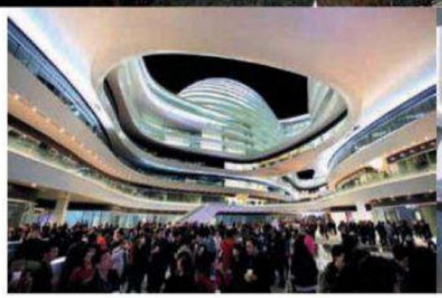
Imani Country House

Quinta de Montemuro, Guadalupe, 7000-223 Évora

Tel. 266 782 021; 925 613 847; e-mail info@imani.pt; www.imani.pt

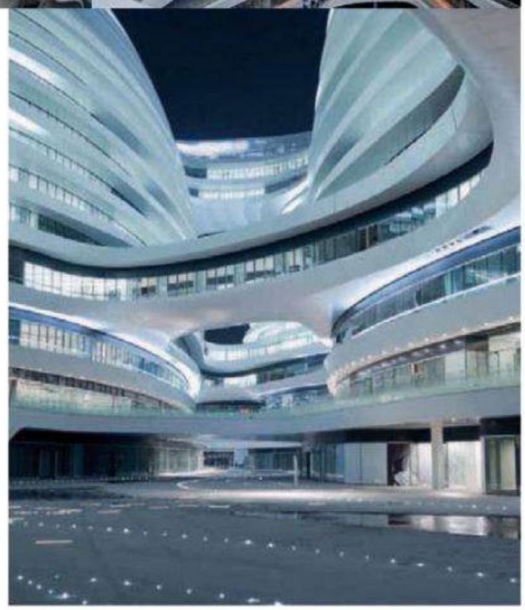
As diárias variam entre os € 135 e os € 200.

PRESS TO PLAY
THE CITY NEVER SLEEPS...
NEW YORK PLAYBOY
THE NEW FRAGRANCE FOR MEN
www.playboyfragrances.com/ ©2010 Playboy. PLAYBOY and RABBIT HEAD DESIGN are trademarks of Playboy and used under license by Coty.



PEQUIM NUNCA VIU NADA ASSIM

A China industrial vai caminhando, a passos largos, para a China dos serviços (onde é que já vimos isto?). Pequim é, cada vez mais, uma cidade capaz de comportar grandes multinacionais. É por isso que surge, sem grande surpresa, o Galaxy Soho, um edifício projectado pelo gabinete de arquitectura Zaha Hadid Architects (Aenne Burda Award), que apresenta a impressionante área de escritórios de 330 mil metros quadrados. Mas este verdadeiro monstro imobiliário tem ainda espaço para pisos de comércio e um complexo dedicado ao entretenimento, ambos projectados para integrarem a vida quotidiana da cidade. Composto por cinco imponentes volumes, ligados por fluidas passarelas, apresenta a brutalidade da massa construída com enorme leveza, auxiliada, em grande parte, por amplos pátios regados por luz natural. Ainda assim, e apesar do imenso cuidado, a verdade é que choca de forma inequívoca com a Pequim mais antiga (e pobre). **MARCO REIS**



BRINCANDO COM A PAREDE

E se toda a sua parede da sala fosse um gigantesco puzzle, pronto a combinar em inúmeras conjugações de iluminação embutida? É o que propõem os criadores Francesca Rogers e Daniele Gualeni, com esta criação baptizada 'LightForm', num desenvolvimento da italiana ILIDE. A ideia é simples: dezenas de módulos cobrem toda a parede, sendo cada um uma instalação luminosa encerrada por finas membranas de madeira. À medida que vamos abrindo ou fechando cada módulo, vamos acendendo ou desligando luzes. Simples, único e, acima de tudo, divertido!

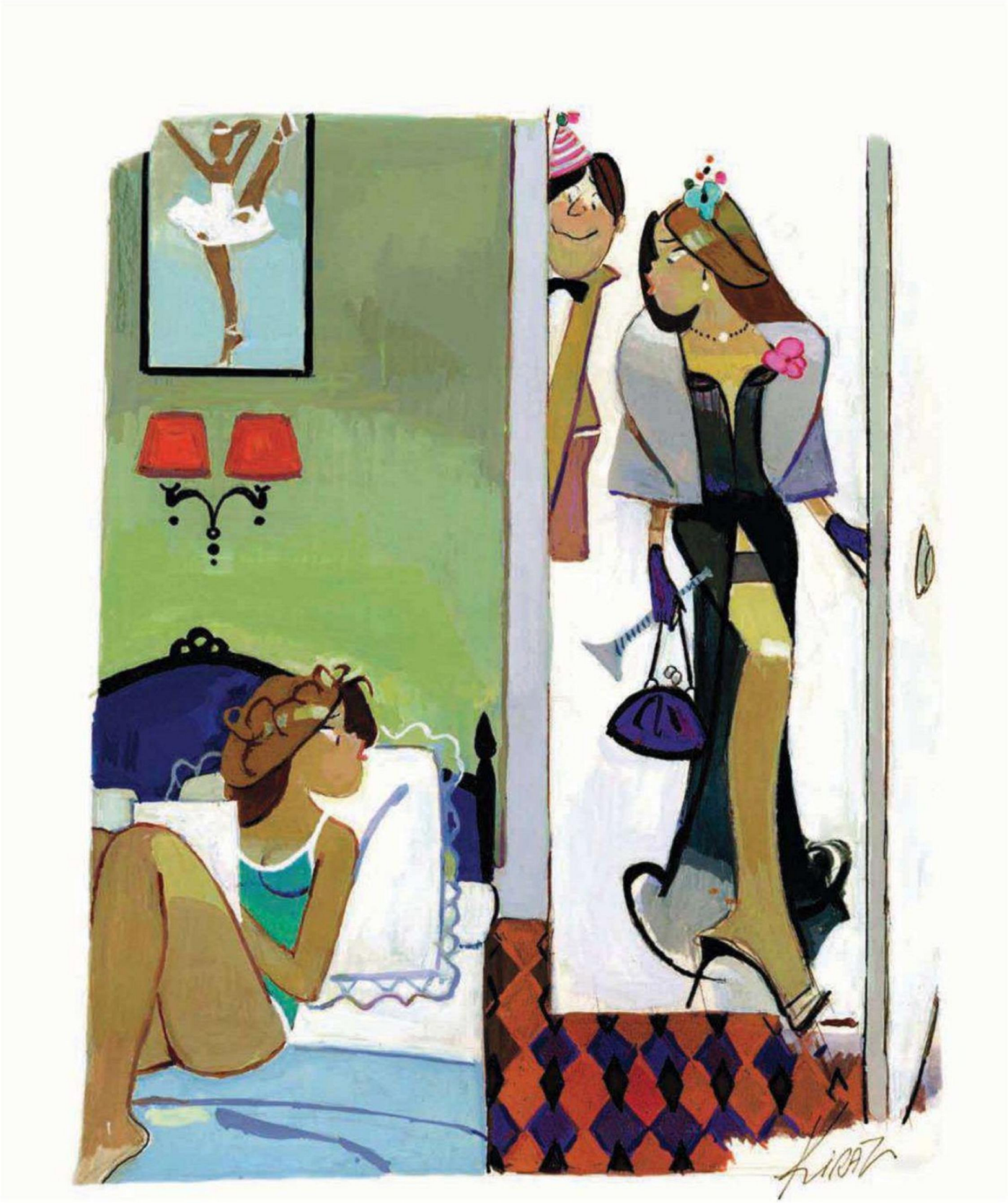
COMO UM PANGOLIM

Com o cunho de irreverência próprio da Colombia Cyclus, chega ao mercado mundial a mochila Pangolin. Com aparência arrojada, a mochila segue a filosofia da marca, sendo totalmente fabricada a partir de materiais recicláveis. Inspirado no animal que baptiza a criação – o próprio do pangolim, bem se vê – é igualmente prática e muito resistente ao choque.

CENTRO DE RELAXAMENTO

O leitor da Playboy já deverá ter percebido que nós, por aqui, gostamos de uma boa sesta. Em linha com esse raciocínio, estamos sempre atentos a novas criações. E foi assim que descobrimos este Energy Pod. Desenhado pela MetroNaps, encerra-nos num ambiente de puro conforto e relaxamento, permitindo-nos tirar alguns minutos de repouso, sem termos de sair do escritório. Quem já não dispensa um Energy Pod são os funcionários da Google, que adoptaram a peça, assim como a sesta, na sua rotina diária.

Além do design ergonómico e da música ambiente, a peça permite, segundo os seus criadores, a reposição de energia, melhorando o lado profissional e pessoal. O preço, esse, é que não relaxa ninguém: 8 000 dólares é quanto custa cada peça!



Ele estava ansioso por conhecer a companheira de quarto com quem partilho tudo.

MACHADADA

ANDREIA MACHADO é a nossa Playmate do mês de Março. Uma lisboeta dona de uma beleza muito invulgar, como nos mostram as belas imagens de nossa fotógrafa, Ana Dias. À parte a beleza, é dona de uma personalidade muito serena mas, atenção, só não a provoquem e depois... nada. É que disso ela não gosta.

PLAYMATE

ANDREIA MACHADO

DONA DE BELEZA SERENA E PERSONALIDADE ENCANTADORA, ESTA É A ANDREIA, A NOSSA PLAYMATE DO MÊS DE MARÇO. IREMOS SEGURAMENTE OUVIR FALAR MUITO DELA E DESTAS FOTOS, NÃO SÓ POR CÁ MAS TAMBÉM LÁ FORA. MAS, POR AGORA, ELAS SÃO APENAS NOSSAS!

Fotografia **Ana Dias**

PLAYBOY
Andreia Machado

IDADE: 22 anos

NATURALIDADE: Lisboa, Portugal

BUSTO: 87 cm

CINTURA: 74 cm

ANCA: 86 cm

ALTURA: 1.65 m

QUAIS SÃO AS TUAS MAIORES AMBIÇÕES?

Ter sucesso na minha carreira de modelo e, acima de tudo, ser feliz.

O QUE MAIS TE EXCITA? Eu adoro homens que me saibam provocar, quando percebem que existe uma química no ar.

O QUE TE DEIXA TRISTE? Deixarem-me as espectativas muito altas e, depois, as coisas não acontecerem...fico furiosa (risos).

COMO É UM DIA PERFEITO? Um dia perfeito, para mim, é passado (muito)
bem acompanhada, numa tarde de calor, com serventia de princesa (risos).
Ah, e à noite, estar com as minhas amigas, a curtir uma boa festa.

QUAL O TEU MAIOR SEGREDO? Sou uma caixinha de surpresas... tentem descobrir!

QUEM É O TEU ÍDOLO? Kim Kardashian, sem dúvida. Ela é uma das mulheres
mais sexy que conheço. É extremamente bonita, uma verdadeira deusa. Se pudesse escolher ser como alguém, gostaria sem dúvida de ser como ela.

ASSISTENTES DE FOTOGRAFIA Gonçalo Jorge e Pedro Teixeira
MAQUILHAGEM E CABELO Martinha Costa

AGRADECIMENTOS Hotel Farol Design, Cascais

QUER SER UMA ESTRELA?

CASTING PLAYMATE

Siga o mesmo percurso de grandes divas como Marilyn Monroe, Jane Mansfield, Ursula Andress, Kim Basinger, Drew Barrymore, Farrah Fawcett, Carmen Electra, Denise Richards, Lindsay Lohan ou Pamela Anderson. Envie duas fotos de rosto e duas de corpo inteiro, devidamente identificadas (nome, idade, localidade e profissão), para casting@playboy.pt, ou por correio para PLAYBOY CASTING, Av. Eng. Duarte Pacheco, 19 - 7º D, 1070-100 Lisboa.

No final de 2013, a Playboy irá seleccionar a Playmate do Ano, de entre todas as Playmates do Mês. Um júri composto por nomes ligados aos universos da Moda e do Cinema, e pela Redacção da Playboy, irá seleccionar a Playmate do Ano. A eleita poderá ser capa na revista Playboy em 2014.

Regulamento em facebook/PlayboyPortugal

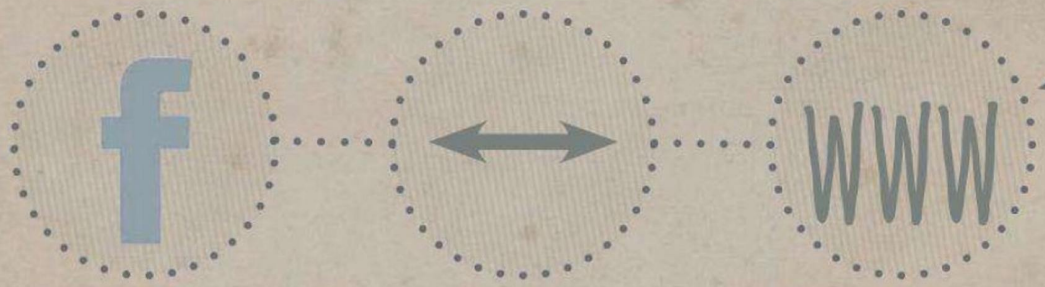
PLAYBOY

PLAYBOY

TUDO O QUE O HOMEM SONHA!

SAÍMOS DA TOCA, SIGA-NOS ONLINE!

TUDO O QUE SEMPRE QUIS TER!



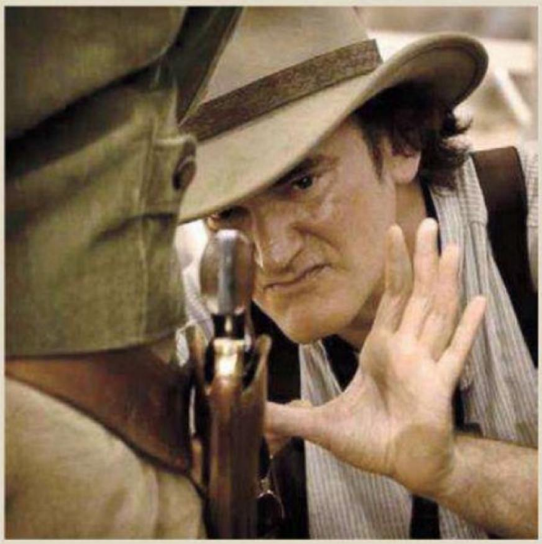
FACEBOOK.COM/PLAYBOYPORTUGAL

WWW.PLAYBOY.PT

Lá por ter chegado acima, não significa que seja a única posição que gosto.

PLAYTALK

A grande entrevista por Michael Fleming



Fotografia de David Rose, D.R.

QUANDO, EM 2003, A PLAYBOY entrevistou Quentin Tarantino, *Kill Bill* estava prestes a ser lançado, e a pergunta era inevitável: depois de ter quebrado todas as regras, gerado uma legião de imitadores e alterado o género policial, com *Cães Danados* e o oscarizado *Pulp Fiction*, conseguiria Tarantino manter a fasquia tão alta?

Assim que Uma Thurman começou a estraçalhar tudo e todos, na vingança do massacre no seu casamento, a resposta era clara: "Sim". Dez anos depois, já ninguém questiona a sua relevância.

Os seus filmes, juntamente com a sua personalidade desmedida, transformaram-no num dos poucos realizadores cujo nome tem importância nas bilheteiras. Com um contrato que lhe permite ter uma larga percentagem dos lucros e o tipo de autonomia com que a maior parte dos realizadores apenas pode sonhar, Tarantino escreve as suas próprias regras. Depois de *Kill Bill*, até reescreveu a História, ao matar Hitler e os seus companheiros do Terceiro Reich, em *Sacanas Sem Lei*.

O filme arrecadou oito nomeações para os Óscares – com o austro-alemão Christoph Waltz a vencer a estatueta para Melhor Actor Secundário – e tornou-se, financeiramente, no seu filme mais bem sucedido até à data, com mais de 321 milhões de dólares de bilheteira, em todo o mundo.

Se *Sacanas Sem Lei* começou como uma espécie de filme de guerra, ao estilo de *Doze Indomáveis Patifes*, com *Django Libertado* Tarantino partiu da ideia de escrever um western-spaghetti – só que colocou a acção no Sul dos Estados Unidos, no período pré-guerra civil. A representação de escravas forçadas a ter relações sexuais com os seus senhores, e de homens obrigados a enfrentarem-se até à morte, deu que falar, mas a subtileza nunca foi a técnica preferida de Tarantino.

Michael Fleming, que já tinha conduzido a entrevista de 2003, acrescenta: "Não há dúvida de que Quentin, agora com 49 anos, amadureceu muito desde a altura em que contava histórias estridentes sobre desacatos com taxistas, e de como tomou ecstacy na Grande Muralha da China. Encontrámo-nos em sua casa, no alto das colinas de Los Angeles – uma casa com uma vista incrível para o Vale. A primeira coisa em que reparei, ao aproximar-me, foi no espalhafatoso Pussy Wagon – o Chevy Silverado SS amarelo que Uma Thurman conduzia em *Kill Bill*. Em cima, uma placa de drive-in – um dos adereços de *Grindhouse*. A sua casa está cheia de memorabilia de cinema. Percebe-se que Tarantino ainda é solteiro e que pode satisfazer o seu apetite voraz por tudo o que diz respeito ao cinema. Nenhuma mulher aturaria aquilo...".

Quentin TARANTINO

O

carro que está lá fora, na entrada, é o verdadeiro Pussy Wagon? O que a "noiva" conduz em *Kill Bill*? "É, pois.

Costuma conduzi-lo? "Já há algum tempo que não. Estava meio lixado porque esteve muito tempo parado, enquanto andei a filmar. Deixámo-lo todo bonito, outra vez.

Talvez não seja o melhor carro para o Quentin Tarantino conduzir, se a ideia for ser discreto... "Não, mas às vezes é divertido fazer o contrário: ir dar uma volta com as janelas abertas, fazer a Malibu Drive de uma ponta a outra, e ver toda a gente, tipo "Olha, é o Quentin." É divertido.

Matou Hitler em *Sacanas Sem Lei*, com soldados judeus a tirar o escalpe a nazis. Em *Django Libertado*, tem um escravo alforreado, transformado em caçador de recompensas, que se revolta contra os donos de escravos que transformaram a sua mulher numa prostituta. Hollywood anda a reciclar contos de fadas, de *Alice no País das Maravilhas* a *O Feiticeiro de Oz* – o que faz é uma versão mais criativa, ao desenvolver fábulas históricas que permitem às vítimas de acontecimentos terríveis vingarem-se? "Cabe a quem vê dizer se é mais criativo ou não, mas isso é o que estou a fazer. Em parte porque gostaria de o ver... Estás a ver um filme e sabes como as coisas vão acontecer, na maioria das vezes. Ocasionalmente, lá aparece um que não segue as regras. É libertador não saberes o que vai acontecer a seguir. A maioria dos filmes em que isso acontece, é de forma acidental, como se tivessem dado com algo em que não tinham pensado bem. Mas, naquele momento do filme, é libertador. Pensei: "E se contasse este tipo de histórias à minha maneira – puro e duro, mas gratificante no final?".

Que filme despertou essa ideia? "No caso de *Sacanas Sem Lei*, houve um filme feito em 1942, *Hitler – Dead or Alive*, passado na altura em que os Estados Unidos entraram na Guerra. Um tipo rico oferece uma recompensa de 1 milhão de dólares pela vida de Hitler, três gangsters têm um plano para matá-lo: saltam de pára-quedas sobre Berlim e abrem caminho até ele. É um filme louco, que começa sério e vai-se tornando muito engraçado. Os gangsters apanham Hitler, e quando começam a dar-lhe porrada de meia-noite, é tão lindo... Rapam-lhe o bigode, cortam-lhe aquela madeixa de cabelo e tiram-lhe as coisas, para que pareça um tipo normal. Os nazis aparecem e Hitler, que já não se parece com Hitler, fica naquela: "Ei, sou eu!". E eles dão cabo dele. Pensei: "Uau, isto é demais!".

A reacção mais comum ao *Sacanas Sem Lei* foi: "Espera aí, o Tarantino pode mudar assim a História?". "Até pouco antes de começar a escrevê-lo, não me tinha ocorrido. Tinha escrito o dia todo e estava a meditar sobre como seria o trabalho do dia

66°
NORTH

seguinte. Estava a ouvir música, de um lado para o outro, até que peguei numa caneta, numa folha de papel, e escrevi: "É só matar o idiota". Deixei na mesinha de cabeceira, para poder ver e decidir se ainda era uma boa ideia, quando acordasse de manhã, depois de uma noite de sono. Acordei, vi o papel, andei de um lado para o outro mais um bocado, e disse: "É, é uma boa ideia". Fui para a varanda e comecei a escrever. E matei o idiota. *[risos]*

Também misturou História com ficção, em *Django Libertado*. Chegou a estudar filmes ou livros, para conseguir captar a vida pré-Guerra Civil, no Sul profundo? Ver filmes sobre a Segunda Guerra Mundial não é má ideia, nem que seja para poder aprender os clichés que ajudam a contar uma história, dando ao público o que ele está habituado a ver. Existe apenas uma mão-cheia de filmes a sério sobre escravos. Para mim, este filme é um western, só que passado no Sul profundo. O que me interessava, sobre a escravatura, era o lado de negócio: humanos como gado – como funcionava? Quanto custavam? Quantos escravos tinha uma pessoa comum no Mississippi? Como funcionavam as casas de leilão? Quais eram as camadas sociais, numa plantação?

Como assim? A personagem de Leonardo DiCaprio, Calvin Candie, é um latifundiário que tem uns 170 quilómetros quadrados de terra. É uma espécie de Ben Cartwright, de Bonanza, só que no Sul. Qualquer pessoa nessa posição é um rei no seu próprio reino. Todos os brancos pobres que trabalham para eles, e todos os escravos, são seus súbditos. Da forma como vêem as coisas, são donos de tudo e a plantação, enquanto entidade lucrativa, é completamente autónoma. Candie nasceu no meio disso, o que significa que já não tem que se preocupar com o negócio – aquilo funciona por si. É uma perversão bizarra da aristocracia europeia. Essa foi uma perspectiva fascinante para aplicar na forma como Candie escolhe passar o tempo.

No filme, as escravas são violadas e os homens lutam entre si como pitbulls. Já foi muito criticado pelo uso da palavra "preto", usada abundantemente aqui. Está a sentar-se num barril de pólvora? Agora, imagino-me sentado num barril de TNT, como num cartoon da Looney Tunes. Não estou a tentar ser incendiário. Estou apenas a contar a minha história. Numa lógica de western-spaghetti e sublinhando as qualidades surreais inerentes ao material, que não podia ser mais bizarro, cruel ou perversamente cómico, quando observada de um determinado ponto. Estas coisas andam de mãos dadas.

Mas a ideia de mostrar as escravas como prostitutas.. Bem, elas não são 100% prostitutas. O Cleopatra Club, do filme, não é um bordel. É um clube de cavalheiros, um lugar do tipo: "traga a sua garrafa". Só que lá é: "traga o seu pónei e pode jantar com ele".

"Pónei" é o termo para escravas jovens e atraentes? É.

E isso existiu mesmo? Claro que sim. Acho que é a base da escravatura ou, pelo menos, uma das coisas que fizeram com que funcionasse. Além da força de trabalho, era o sexo a pedido. Assim que as pessoas possuem outras pessoas, todos sabemos que, sem dúvida, isso faz parte. Se eles faziam isso naquela época? Sim. Fazem-no agora – basta ir a Banguecoque. A ideia no Cleopatra Club é que, se gostares da tua escrava, podes levá-la. Podes jantar, podes socializar. Se só quiseres levar o teu pónei, dar uma e divertires-te, tudo bem, também podes. Mas, se calhar, amas mesmo a tua miúda e ela é tipo tua mulher. Mesmo. É uma forma de a levares a sair, dares-lhe um pouco de diversão.

Porquê o Jamie Foxx para o papel de Django? Podia referir uma série de razões mas, a principal, é que ele era o cowboy. Esquece o facto de ele ter o seu próprio cavalo – aliás, é o cavalo dele no filme. Ele é do Texas, ele percebe. Se estivéssemos nos anos 60 e eu estivesse a fazer o casting para uma série western e houvesse estrelas negras na altura, conseguia imaginá-lo nisso. Era disso que estava à procura – de um Clint Eastwood.

Quando a PLAYBOY entrevistou Foxx, há uns anos, ele falou sobre como foi crescer no Texas. Embora fosse a estrela da equipa de futebol americano, era muitas vezes maltratado e vítima de comentários racistas. Como é que isso influenciou a sua interpretação? Ele percebia o que é ser visto como "o outro". Mesmo estando na equipa de futebol americano e sendo uma das estrelas, quando saía com a miúda gira – e branca – da escola, toda a gente perdia a cabeça. Percebia como é ser contratado como pianista, numa festa de brancos, no Texas. Quando és o pianista negro, numa festa, és mobília. Ninguém fala contigo. Não é, sequer, suposto pensarem em ti. Devem poder dizer o que quiserem, porque tu és apenas mobília.

E invisível. Exacto. Ele contou-me muitas histórias dessas, em que a dona da casa lhe pagava e dizia: "Olhe, desculpe as coisas que alguns convidados e o meu marido disseram. Não estavam a falar a sério. Tome algum dinheiro.". Uma vez, apareceu numa casa para tocar e disseram-lhe: "Espera, para entrares aqui, tens que ter um casaco"; ele respondeu: "Bem, mas ninguém me avisou"; e responderam-lhe: "OK, nós temos um a mais. Vou buscá-lo.". Deram-lhe o casaco, ele fez o que tinha a fazer e, ao preparar-se para sair, ia devolvê-lo – "Aqui está o casaco" – e dizem-lhe: "Eh pá, amigo, esse casaco agora é teu. Eu não quero esse casaco". Disseram-lho na cara.

Como reage quando os actores lhe pedem para mudar alguma coisa? Bem, alguém pode, de facto, ter uma boa ideia e dizer: "Então e se acontecesse isto?". Às vezes, eu respondo: "Uau, essa ideia é boa. Deixa-me pensar nisso". Já houve muita gente a dar-me boas ideias, mas não ando propriamente a dar os argumentos e a recebê-los, depois, com apontamentos. Recebo comentários na montagem do filme mas, se tiverem algum problema com o argumento, provavelmente não vamos fazer o filme juntos. Comigo as coisas funcionam assim: "Está tudo no argumento". Posso mudar alguma coisa mas, se leste e gostaste do argumento, provavelmente vais gostar do filme.

O QUE ME INTERESSAVA, SOBRE A ESCRAVATURA, ERA O LADO DE NEGÓCIO: HUMANOS COMO GADO – COMO FUNCIONAVA? QUANTO CUSTAVAM? QUANTOS ESCRAVOS TINHAM?

Quando se roda um filme de escravos no Sul profundo, como é que a comunidade reage? "Sociologicamente, uma das coisas mais interessantes aconteceu quando estávamos na plantação da personagem de Don Johnson – Bennet Manor. E Tivemos alguns figurantes da comunidade, St. John the Baptist Parish. Foi porreiro recriar esta história com figurantes negros do Sul, cujas famílias sempre viveram lá. Eles sabiam o que se passava na altura. Tivemos um problema de divisão social entre os figurantes, que espelhava os problemas entre as personagens escravas, no filme. As póneis eram bonitas e olhavam de cima para baixo os figurantes que faziam de apanhadores de algodão, e os que faziam de criados também. Já os apanhadores de algodão pensavam que os que faziam de criados e as póneis eram todos uns idiotas de nariz empinado. Obviamente não com todos, nem foi um problema gigante, mas dava para perceber. Depois de estarem naquelas terras umas semanas, começaram a espelhar as situações sociais das suas personagens.

Quando escreveu Candie, tinha alguém em mente? "Tinha, mas não quero dizer nomes porque, quando terminei o argumento, compreendi que eram um pouco mais velhos do que queria que a personagem fosse. Tenho esse problema: penso em algumas pessoas e não tenho em conta que estou a pensar nelas há 20 anos. O Leo (di Caprio) era mais novo do que o que tinha escrito inicialmente, mas voltei a ler e não consegui encontrar uma razão para a personagem não poder ser mais nova. E, como estou a insistir nesta ideia de recriação de uma América sulista, enquanto aristocracia europeia, de forma amadora e à medida que vai acontecendo, a ideia de tê-lo como um imperador-menino foi boa. O pai era um produtor de algodão, o pai do pai também, e assim por diante. Portanto, Candie não tem de fazer nada. Está tudo resolvido e ele pode ser o governante petulante. A sua paixão não é o algodão, são as lutas de escravos.

É um clássico vilão Tarantino? "É o primeiro vilão que escrevi de que não gosto. Odiei Candie e, normalmente, gosto dos meus vilões, não importa quão maus são, consigo sempre ver o seu ponto de vista. Consegui ver o ponto de vista dele, mas odiei-o.

Porquê? "Ele é mestre da instituição da escravatura, e o meu desprezo por isso foi a razão para escrever. Pensei: "Uau, consegui o Leo e ele não sabe que não é tão bom quanto alguns dos outros papéis". Mas, ao trabalhar com ele, acabámos por torná-lo tão bom quanto os outros. Toda a ideia do imperador-menino petulante consolidou-se, em oposição à ideia do manda-chuva. Ele criou uma nova personagem e foi directo ao que queria fazer. Assim como eu tenho uma ideia sobre a história, ele também, e trouxe toda essa pesquisa para a personagem. Tinha um belo monólogo, sobre ser miúdo, ter um pai que fazia aquilo, e sobre crescer rodeado de rostos negros. Alguma vez poderia ele ser outra coisa, além do que é? Nasceu no meio daquilo. Irá um príncipe negar o seu trono, o seu reino? Continuo a culpá-lo, mas que hipóteses é que ele tinha?

IMAGINO-ME SENTADO NUM BARRIL DE TNT, COMO NUM CARTOON DA LOONEY TUNES. NÃO ESTOU A TENTAR SER INCENDIÁRIO. ESTOU APENAS A CONTAR A MINHA HISTÓRIA.

Da última vez que deu uma entrevista à PLAYBOY, falou das propostas que as mulheres lhe enviam, com fotografias e outras coisas. Como anda o correio, ultimamente? "Se estou num festival de cinema, a dar uma volta pela cidade ou num bar, posso falar com uma miúda e ainda corre tudo bem. Já não ligo ao correio. Quando estive no Festival de Veneza, e fui presidente do júri, não conseguia fazer nada porque toda a gente sabia que eu estava lá. Normalmente, gosto de descer até ao bar, onde é sempre porreiro ir beber qualquer coisa com alguns dos outros membros do júri, mas ali a confusão foi tal, que era impossível.

Tomou ecstasy na Grande Muralha, para relaxar enquanto fazia *Kill Bill*. Como é que se relaxa quando se está a filmar um drama tenso sobre escravatura sulista? "Este filme foi tão difícil... Pensei nele em termos de *Kill Bill* e decidi: "OK, não vou para a loucura, como fiz no outro".

Contou que Brad Pitt cortou um bocado de haxixe, enquanto falavam sobre *Sacanas Sem Lei*. Que tipo de problemas arranjou com Brad ou com Angelina Jolie? "Ah não, dessa vez não houve problema. Foi o Brad que começou. Falou nessa merda, numa conferência de imprensa. Eu já o tinha referido antes, mas ele tornou-o oficial. Se calhar, acha que não foi ele, mas foi. Mas não houve problema. Apareceu num zilhão de sites: "Quentin deixa Brad pedrado para aceitar *Sacanas Sem Lei*".

As drogas têm um impacto positivo no seu processo criativo? "Não. Não faria nada prejudicial enquanto estivesse a fazer um filme. Não costumo escrever pedrado, mas imagina que estás a pensar numa sequência musical: fumas uma, pões música, começas a ouvir e tens boas ideias. Ou, se calhar, estás a relaxar ao fim do dia e fumas um pouco de erva e, de repente, estás a analisar aquilo que acabaste de fazer – talvez tenhas uma boa ideia. Talvez só pareça boa ideia porque estás pedrado, mas vais escrevê-la e olhas para ela no dia seguinte. Às vezes é brilhante. Não preciso de erva para escrever, mas é fixe. Fazer este filme foi muito difícil. Quando o fim-de-semana chegava, a única coisa que queria fazer era fumar e vegetar. Desligar, simplesmente.

Tem uma receita de marijuana medicinal, daquelas que permite a todos, em Hollywood, arranjar erva legalmente? "Sou bem capaz de ser o único que não tem...

Vai fazer 50 anos. Pensa em casar-se e ter filhos? "Vamos ver. Tive alguns casos que quase funcionaram, em que cheguei a pensar que me casaria e teria filhos. Digamos que já não sou contra. Pensei nisso, mas depois passou-me. Tive uma certa "febre de bebés" durante uns tempos, mas depois passou-me.

Passou algum tempo com crianças? "Não, não, não. O meu bebé é o filme em que estou a trabalhar. Mas, neste momento, estou numa altura aberta da minha vida e estou mais ou menos interessado em ver o que vai acontecer.

Tem alguma coisa a ver com estar prestes a fazer 50 anos? "Acho que não, porque não penso nisso dessa forma. Acho que és a primeira pessoa a insistir que vou fazer 50 anos. *[risos]*

Sim, ainda me estou a agarrar aos 49. Ainda tenho algum tempo. Essa coisa dos 50 anos? Isso é maldade.

Está a irritá-lo? "Sim. *[risos]* Podia estar aberto a encontrar uma miúda fixe, dar-me bem com ela, dar o primeiro passo e, se fosse bom, dar o passo seguinte. E ver no que dava.

Vai ser um daqueles tipos, de 65 anos, que correm atrás das crianças pela casa, não vai? "Francamente, não teria qualquer problema com isso. Quer dizer, um pouco do meu ego gostava de ser mais novo quando tivesse filhos, mas os miúdos estão-se nas tintas. Depois, há aquele lado de, sendo mais velho, ter mais tempo para eles. Já não há coisas melhores para fazer.

O que é mais atraente numa vida de solteiro? "Ter a liberdade de fazer o que quero. Posso fazer do meu dia o que bem entender. Pessoas com famílias têm responsabilidades para com elas. Mas tenho certeza de que há aspectos negativos no meu estilo de vida boémio, claro.

Tais como? "Não sei. Só estou a dizer um monte de chavões.

Não consegue pensar em nada, não é? "É. Se tivesse uma mulher, provavelmente seria mais educado. Ela far-me-ia escrever notas de agradecimento. Quando alguém me fizesse alguma coisa simpática, ela obrigava-me a retribuir: um bilhete ou um telefonema, coisas que eu não faço sozinho. *[risos]* Essa seria uma parte boa do acordo, não seria este homem das cavernas. Talvez fosse menos distante... Dito isto, tendo em conta o modo artístico, quase académico, com que encaro a minha vida, em relação aos filmes que faço e à pesquisa que faço para eles, tenho-me saído muito bem. Se quisesse morar em Paris durante um ano, sabes? Podia. Não tinha que preparar nada, podia simplesmente fazê-lo. Se houver um actor, ou um realizador, por quem queira ficar obcecado e estudar os seus filmes durante 12 dias seguidos, posso fazê-lo. A pessoa perfeita seria uma Playmate que gostasse disso tudo.

Bem, elas andam por aí. "Eu sei e é por isso que digo que não é impossível.

Como sabe que as mulheres que conhece querem o Quentin, o tipo, e não Quentin, o realizador? Isso é importante? "Bem, eu não sou Quentin, o tipo normal. Esperar que gostem de mim, da mesma maneira que gostariam se eu fosse um canalizador ou se trabalhasse numa tasca, não é realista. E porque é que havia de querer isso? Parte de mim, sou eu e a minha vida, e parte de mim, sou eu e minha carreira artística. Faz tudo parte.

Isso quer dizer que tem que ser sua fã? "Não. Quer apenas dizer que se gostas do meu trabalho ou respeitas o que faço, é concebível que isso possa ser um elemento de atracção, se me conheceres. Se gostares de mim e eu for fascinante e sexy, ou qualquer outra coisa que te possa atrair, isso pode ser uma vantagem. Podes sair com esta e aquela, mas se tentares ficar junto, seres namorado e namorada, eu e a minha vida e a minha carreira artística fazemos parte do pacote.

Ameaçou aposentar-se aos 60 anos. Porquê fixar uma data? "Quem sabe o que vou fazer? Só não quero ser um cineasta velho. A dado momento, quero parar. Os realizadores não melhoram à medida que envelhecem. Geralmente, os piores filmes são os últimos quatro. Sou totalmente dedicado à minha

PESSOAS COM FAMÍLIAS TÊM RESPONSABILIDADES. MAS TENHO CERTEZA DE QUE HÁ ASPECTOS NEGATIVOS NO MEU ESTILO DE VIDA BOÉMIO, CLARO. SÓ NÃO ESTOU A VER QUAIS...

filmografia e um filme mau dá cabo de três bons. Não quero aquela comédia desadequada, aquele filme que faz as pessoas dizerem: "Eh pá, ele ainda pensa como há 20 anos". Quando os realizadores se desactualizam, não é bonito.

Stanley Kubrick era viável nos seus últimos anos. Scorcese e Spielberg fizeram bons filmes aos 60, e Woody Allen fez *Meia-Noite em Paris* aos 70. Os fãs não vão querer ver o que está na sua cabeça, à medida que se desenvolve enquanto homem? ❝Talvez. Se tiver algo a dizer, fá-lo-ei. Não dei nenhuma grande declaração definitiva, apenas não quero ser um cineasta velho. Estou numa viagem que tem de ter um fim, sem ser sobre mim a fazer mais um trabalho. Mesmo velho e desgastado, ainda ia querer fazê-lo. Quero que este caminho artístico tenha um clímax. Quero trabalhar em direcção a alguma coisa.

Quando um realizador inicia um caminho descendente, isso não tem mais a ver com o facto de ficar gordo e feliz, perder a intensidade ou não ouvir ninguém? ❝Pode ser. Mas também é a idade. *[risos]*

E como vai saber que já não será capaz? ❝Bem, acho que é isso que estou a tentar descobrir.

Não os deixa sair uma vez por ano... quantos filmes ainda há dentro de si? ❝Pára-se quando se pára mas, num mundo de fantasia, ter uma filmografia com dez filmes seria simpático. Já fiz sete. Se mudar de ideias, se me aparecer uma história nova, posso voltar. Mas, enquanto declaração artística, parar com dez seria porreiro.

Quando o entrevistei da última vez... ❝Reli essa entrevista, ainda não há muito tempo. Literalmente, no dia seguinte, perguntaram-me: "Quer fazer outra?". O que foi porreiro, nessa primeira entrevista, foi que explorou bastante o facto de eu fazer o *Pulp Fiction* e depois voltar com o *Kill Bill*. Então, será que ele é mesmo bom ou não? E eu pensei: "Bem, se a PLAYBOY voltar, acho que passei no verdadeiro teste".

Passou no teste, definitivamente. Dessa vez, disse que poderia tornar-se um bom actor, se essa fosse a sua prioridade. Porque é que isso deixou de ser importante? ❝Perdi a vontade. Acho que fiquei com essa vontade por causa da combinação de duas coisas: tinha tido uma boa experiência ao fazer *Aberto Até de Madrugada*, e comecei a sair com a Mira Sorvino. Ela é actriz, o Paul, o pai dela, também, e eles falam muito sobre representar. Entusiasmei-me com isso tudo... E havia velhos sonhos e desejos de quando era pequeno. Agora é o oposto: se escrever um papel para mim, corto até que desapareça. Alguns actores já me disseram que, agora que estou mais calmo, consigo fazer um bom trabalho. Mas tem mais a ver com o facto de que, quando fiz *Kill Bill*, ia fazer de "Pai Mei" e era tão difícil...

"Pai Mei" é o professor que Daryl Hannah envenena. ❝Sim, era eu que o ia representar. Tinha treinado para as lutas e tudo, mas o filme era tão importante que precisava de toda a minha atenção na realização. Quando terminei decidi que, se vou estar num set, quero que seja o meu set, comigo na realização. Não quero ser um actor no filme de outra pessoa. Não quero gente a enviar-me faxes para casa e não quero levantar-me de manhã, pelo filme de outra pessoa.

A tragédia de Aurora, onde um atirador massacrou espectadores numa sessão da meia-noite de *O Cavaleiro das Trevas Renasce*, levou alguns cineastas a fazer um exame de consciência sobre a forma como apresentam a violência no ecrã. Também o fez? ❝Não, porque acho que esse tipo era maluco. Foi lá para matar uma data de gente, porque sabia que estaria lá uma data de gente e que, ao fazê-lo, ia sair em montes de notícias. Não é diferente de um tipo que entra num McDonald's e atira em pessoas à hora de almoço porque sabe que vai lá estar uma data de gente.

O que responde às pessoas que acusam os seus filmes de glorificar a violência? ❝Bem, eu nunca entro nessa discussão, porque nunca ninguém tem essa discussão comigo. *[risos]* Sabem qual é a minha cena: eu faço filmes violentos, eu gosto de filmes violentos. Já disse, várias vezes, que nesse aspecto não acho que haja ligação entre a arte e a vida.

Depois de *Cães Danados* e *Pulp Fiction*, era uma espécie de marginal enfurecido, um quebra-regras que redefiniu os filmes de gangsters e gerou imitadores. Como se vê, hoje em dia? ❝Bob Dylan a caminho dos anos 70: De Palma, Scorcese, Kubrick e Spielberg a caminho dos 80. Gostava de ser visto como um dos grandes realizadores deste tempo, no auge da forma, com o talento na ponta dos dedos, com algo para dizer, algo para provar, apenas a tentar ser o melhor possível.

Já não um marginal? ❝Pois, essa é uma das coisas que até é boa. Já não sou um marginal em Hollywood. Conheço uma data de gente. Gosto deles. Eles gostam de mim. Acho que sou um bom elemento desta comunidade, enquanto pessoa e no que diz respeito ao meu trabalho e ao meu contributo. Em 1994, acho que estavam todos bastante impressionados comigo, e isso era porreiro, mas eu sentia-me um marginal, um punk contestatário, e só queria não dar cabo de tudo. Ainda faço as coisas à minha maneira, mas também não me fui embora. De certa forma, ainda sinto que estou sempre a tentar provar que pertenço aqui.

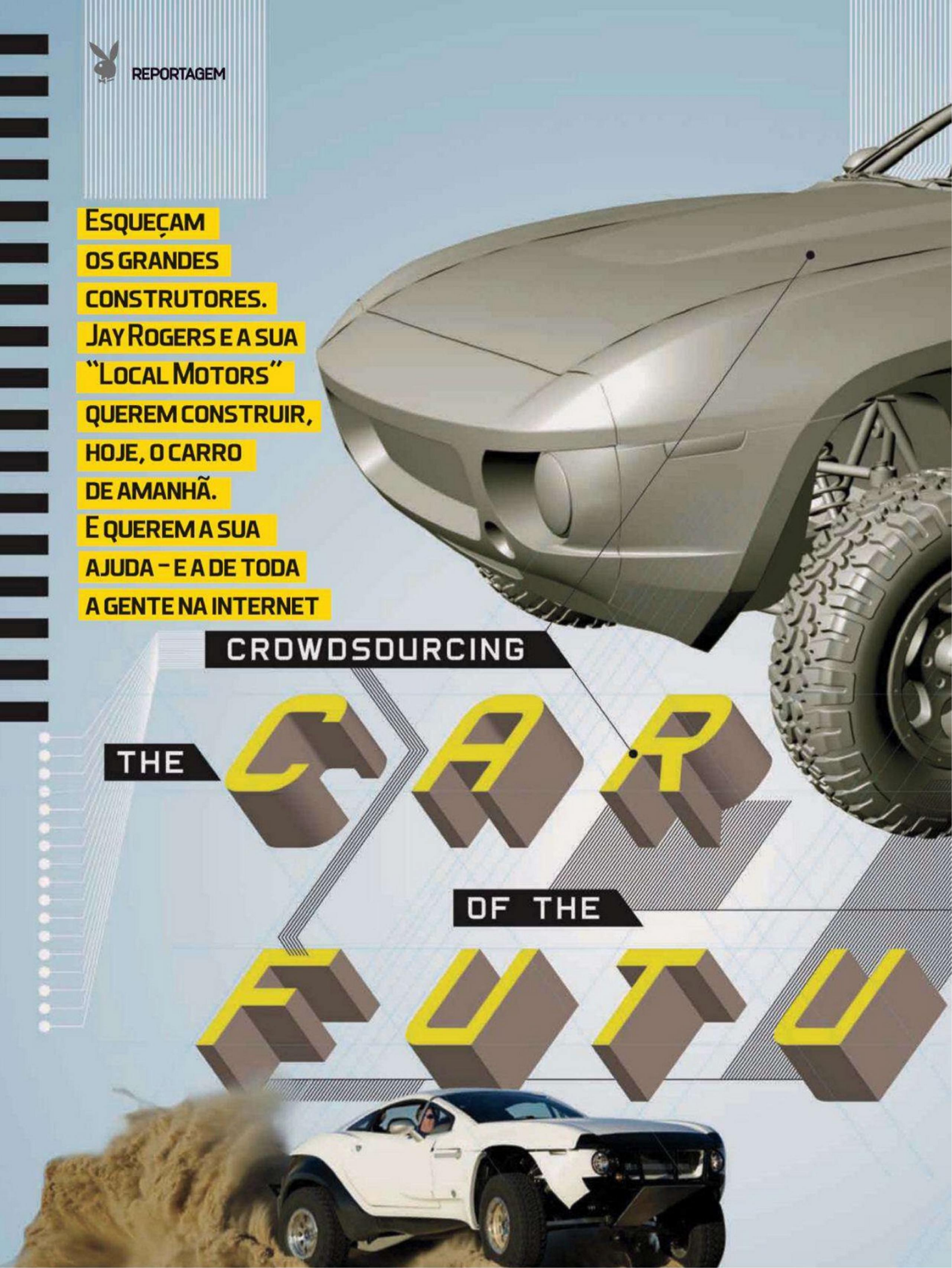
Depois de *Pulp Fiction*, respira de alívio quando faz um filme e sente que atingiu o nível do seu trabalho anterior? ❝Não. Gosto que as pessoas fiquem entusiasmadas e pensem que o meu melhor trabalho ainda está por vir. Isso significa que te estás a tentar suplantar, de uma maneira ou de outra. Levo isso muito a sério. É subjectivo, mas estás sempre a tentar fazer um trabalho grande, ousado, vital, que impulsiona a tua carreira artística – não o queria de outra forma. Quero que exista expectativa. Fiquei muito orgulhoso quando li que Django era um dos filmes mais esperados deste ano. É um western negro. De onde vem essa expectativa? Acho que uma boa parte é por minha causa. Isso é do caraças!

PÁRA-SE QUANDO SE PÁRA MAS, NUM MUNDO DE FANTASIA, TER UMA FILMOGRAFIA COM DEZ FILMES SERIA SIMPÁTICO. JÁ FIZ SETE.

Esqueçam os grandes construtores. Jay Rogers e a sua "Local Motors" querem construir, hoje, o carro de amanhã. E querem a sua ajuda – e a de toda a gente na internet

CROWDSOURCING

THE CAR OF THE FUTU



RE

POR NEAL GABLER

JOHN B. ROGERS JR. tem um sonho desde miúdo. Um sonho enorme e audacioso. Nos anos 40, o seu avô, Ralph Rogers, comprou a Indian Motorcycle Company e foi à falência ao tentar converter as pesadas motos em máquinas mais leves, que pudessem competir com as Triumph, que entraram no mercado americano depois da Guerra. Ralph Rogers acabou por fazer fortuna noutras indústrias mas, décadas mais tarde, confessaria ao neto mais novo que o que mais amava era a sua antiga empresa de motos. "Era o que o motivava", diz Rogers.

Jay, como John Rogers é tratado por todos, cresceu a reparar carros – no liceu, desmantelou dois motores Porsche 356A. Foi por causa deste amor, e das fábulas nostálgicas do avô, que viria a engendrar o seu próprio plano louco, um plano do qual quase todos o tentaram dissuadir – Jay Rogers criaria a sua própria empresa de automóveis, para fazer carros diferentes, com personalidade. Carros que, esperava, dividissem opiniões – ou se amavam ou se odiavam.

Claro que Rogers, que aparenta ser mais novo do que os seus 39 anos, não é o primeiro a sonhar com isto. Houve Preston Tucker, com o seu Tucker Torpedo; Malcolm Bricklin, com o seu Gullwing; John DeLorean, com o seu carro modernista; e, mais recentemente, Elon Musk e o seu Tesla Roadster eléctrico. Todas estas carroçarias – excepto a de Musk – estão dispersas pela História automóvel. Mas Rogers é diferente. Ao contrário dos outros, não quer construir UM modelo. Quer construir carros específicos, para mercados locais, em todo o mundo – um carro de Nova Iorque, um carro parisiense, um carro

do Uganda, um carro da Malásia. No limite, o que Jay Rogers quer é construir O SEU carro. Rogers conta ter quatro fábricas a funcionar nos próximos cinco anos, com uma produção de 2000 carros em cada uma. E ambiciona, um dia, chegar às 100 fábricas.

Tem sido algumas vezes comparado a Henry Ford, uma comparação que o irrita: "Ford foi uma tendência que durou 100 anos e que agora, acredito, está a passar". Quando Rogers, então aluno na Harvard Business School, começou a pensar seriamente em criar uma empresa de carros, teve o seu 'momento eureka'. Aconteceu durante uma visita à fábrica de camiões da Ford, em Dearborn, no Estado de Michigan, quando o seu guia se queixou de essa ser a pior altura do ano – o período de mudança em que a fábrica encerra toda a linha de produção, de modo a se equipar para os novos modelos, e os trabalhadores ficam sem nada para fazer. Se as mudanças fossem pequenas, a paragem podia ser apenas uma pausa de um dia, mas se fossem grandes, o encerramento poderia durar um mês. Rogers percebeu que os construtores apenas podiam alterar consideravelmente a aparência dos seus carros mais ou menos a cada sete anos, assim que a maquinaria – que custa centenas de milhões – tivesse sido amortizada. Essa era a razão para tudo demorar tanto tempo na indústria automóvel – as mudanças implicavam sempre demasiado esforço, demasiado tempo e demasiado dinheiro.

Rogers seguiu a sua intransigência até Henry Ford: quando Ford, debaixo da orientação de Frederick Taylor – especialista em eficiência – optimizou a produção de carros, passando a fazê-la em massa, numa linha de montagem, não alterou apenas a agilidade do processo, de forma a que os clientes tivessem todos, basicamente, ano após ano, os mesmos carros; ele anulou também a magia de os fazer e retirou ao trabalhador o orgulho no seu produto. Esse sistema podia durar muito tempo – e durou – mas Rogers acredita que está condenado. No século XXI, quando tudo se está a tornar mais personalizado, as pessoas querem – e precisam de – adorar os seus carros, e a indústria tem que ser repensada de forma a trazer de volta a magia.

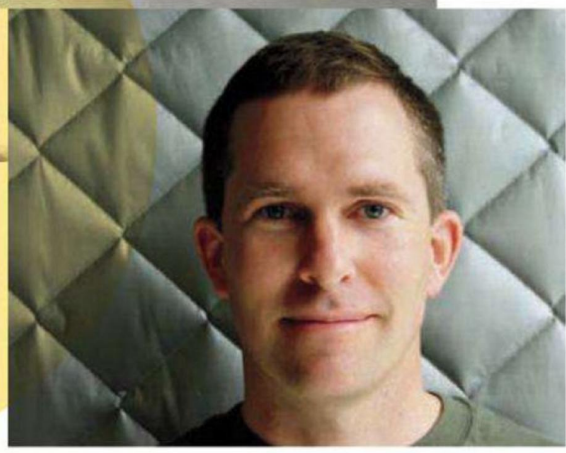
Entramos na "micro-fábrica" da Local Motors, no deserto à saída de Phoenix, e em nada se assemelha a qualquer outra área de produção automóvel. Logo à partida, porque tem o tamanho de um ginásio de liceu. O espaço é antigo, com paredes beges e chão de linóleo. No ar paira música soft-rock e apenas um leve cheiro a gasolina ou óleo. A equipa total da LM anda perto das 40 pessoas, e toda a gente –marketers, contabilistas, designers e técnicos – partilha uma sala longa, com Rogers no centro. Não existe hierarquia: praticamente todos reportam a Rogers – que normalmente vai trabalhar de polo, calções e um velho par de ténis. As decisões são quase sempre tomadas democraticamente: a equipa reúne-se, em pé, todas as terças-feiras de manhã, para resolver alguma questão ou conflito. As sessões são tão informais, que qualquer um, mesmo estranho à equipa, é convidado a ficar. Até à data, a Local Motors tem apenas um veículo comercial em produção: o (muito) adequadamente baptizado Rally Fighter.

NO SÉCULO XXI TUDO ESTÁ MAIS PERSONALIZADO E AS PESSOAS QUEREM - PRECISAM DE - ADORAR OS SEUS CARROS. A INDÚSTRIA TEM DE SER REPENSADA PARA TRAZER DE VOLTA A MAGIA

Rogers descreve-o como "um avião ligado à terra", acrescentando: "A alma deste carro é verdadeiramente primitiva". É uma máquina feroz, abastecida a testosterona, desenhada essencialmente para todo-o-terreno. Segundo as palavras de um crítico: "Parece que podia devorar um Grand Cherokee ao pequeno-almoço e vomitar um Hummer H3." Não estaria, certamente, fora de contexto num filme do Batman. Tem mais de quatro metros de comprimento e dois de largura, um motor com 430 cavalos e, lá no alto das suas rodas, é como se tivesse saído de uma corrida 'monster-truck'. O interior é industrial e, com 10 litros de combustível, faz pouco mais de 60 km – Rogers insiste que existem outros atributos verdes, além da quilometragem.

Mas há ainda outra coisa no Rally Fighter e na Local Motors que pode, como espera Rogers, colocá-los na vanguarda e criar o novo paradigma que ele, tão desesperadamente, pretende. Esse aspecto é o facto de o Rally Fighter não ter sido concebido por designers profissionais, nem desenhado num atelier. O que faz com que a Local Motors seja, muito possivelmente, a empresa automóvel mais invulgar de sempre: é que o Rally Fighter foi imaginado na internet, por aspirantes a designers de carros, de todo o mundo, no site da Local Motors. Colocado de forma simples – é o primeiro automóvel concebido inteiramente por 'crowdsourcing'. Rogers

O Rally Fighter é enorme e tem um motor de 430 cv. Mas a ideia subjacente é que todo o processo de construção, por muito grande e potente que possa ser, seja tão simples que qualquer pessoa, com a devida supervisão, o possa construir. E, com isso, trazer de volta a paixão à indústria automóvel



aposta que não será o último. Na verdade, para ele, isto é o futuro – produtos não apenas para consumidores, mas por consumidores. E está a apostar alto.

O maior obstáculo para abrir uma companhia automóvel é o financiamento. O primeiro investidor de Rogers foi Mark Smith, da Factory Five Racing, um fabricante de kit cars. Mas Smith não investiu dinheiro. A Factory Five estava situada num parque industrial em Wareham, no Massachusetts, e tinha espaço disponível – um armazém de 6 por 15 metros, que cedeu à Local Motors. Smith deixou Rogers escolher também dois dos seus engenheiros e continuou a pagar-lhes os salários, enquanto investigavam todo o tipo de coisas: desde imprimir em 3D, transformar desenhos à mão em desenhos por computador, e encontrar novos materiais que passassem nos testes federais de segurança. Encontrar investidores foi mais difícil e a amargura de Rogers ainda é notória. As empresas de capital de risco estão desejosas por financiar "mais uma empresa de serviço de mensagens como o Twitter", queixa-se, mas a LM não atraiu um único financiador empresarial. Quando, ao perguntar-lhe quantas vezes lhe foi dito, por um potencial investidor, que era uma loucura abrir uma empresa de automóveis, principalmente numa economia em recessão, Rogers responde: "Pelo menos 400 vezes". Tem agora 40 financiadores individuais, que colocaram 12 milhões de dólares na empresa – metade são amigos e conhecidos.

Na altura em que se estabeleceu em Wareham, no início de 2008, tinha o conceito e o capital inicial – faltava-lhe um automóvel. Não tinha iniciado a empresa com a ideia de os carros serem desenhados por uma comunidade, mas foi então que viu uma apresentação da Threadless, uma fabricante de t-shirts, cujos desenhos eram submetidos pelos membros de uma comunidade online e, posteriormente, seleccionados os melhores, para imprimir no tecido.

Isso deixou-o a pensar como o 'community sourcing' poderia funcionar na indústria automóvel. Do seu ponto de vista, as empresas eram tradicionalmente proprietárias de tudo o que os seus empregados produziam, e a maior parte da produção funcionava de cima para baixo – das empresas para o consumidor. Mas a internet começou a mudar isso. "O ponto", diz, "é que o indivíduo, em boa verdade, é quem pode ter o poder."

É aquilo a que chama 'a 'terceira revolução industrial': depois da primeira revolução industrial, que, no século XIX, mecanizou as tarefas previamente feitas à mão; e da segunda revolução industrial que, no século XX, levou à produção em massa. A terceira revolução industrial seria digital e daria lugar a uma economia na qual os indivíduos, e não as empresas, tomariam as decisões sobre o que seria feito.

Na realidade, a internet é a nova empresa, razão pela qual a LM existe tanto online quanto na sua micro-fábrica.

O 'crowdsourcing', na internet, foi, precisamente, o que tornou o Rally Fighter uma realidade – Rogers montou o site e convidou designers a postarem aí os seus desenhos, onde poderiam ser vistos e comentados pelo pessoal da LM e outros membros da comunidade. Para arrancar com o site, visitou várias escolas de design e convidou os estudantes a submeter os seus esboços. De forma a aumentar o estímulo, lançou concursos e ofereceu dinheiro, com os vencedores a serem escolhidos pelos votos da comunidade. Afirma que sabia que o conceito iria funcionar assim que o vencedor do seu primeiro concurso elogiasse, online, a participação de um adversário. Estariam a comunicar.

Esse adversário era um estudante do Art Center, em Pasadena, nascido na Coreia e chamado Shango Kim. Quando Rogers deu início a um passatempo para desenhar um veículo todo-o-terreno para o Sudoeste, a submissão de Kim, pensou, tinha a imponência de um castelo Samurai japonês. A comunidade respondeu com entusiasmo e o desenho venceu. Quando decidiu que estava na hora da LM fazer mesmo um veículo, escolheu o desenho de Kim. Rogers admite que a equipa estava dividida sobre que carro fazer e, no melhor de todos os mundos possíveis, a comunidade teria o voto final. Mas

sentiu que, na altura, ainda havia poucos membros na comunidade – cerca de 20 mil postam comentários agora, 200 deles diariamente – e que o primeiro veículo da LM tinha de alcançar um certo nicho que nenhuma outra empresa automóvel alcançava.

A comunidade continuou a ganhar peso, a fazer alterações ao desenho – e até à engenharia – reclamando que o motor a diesel da BMW, que a empresa tinha escolhido, dificilmente conseguiria assistência no deserto. Como resultado, escolheram um Chevy LS3, o motor que equipa o Chevrolet Corvette.

Do desenho à produção não foi propriamente um exercício semelhante à eficiência de Henry Ford. Se os grandes construtores levam entre cinco a sete anos para desenhar e produzir um carro, a LM tinha o Rally Fighter pronto em menos de 18 meses. Além disso, quando a Agência de Pesquisa de Projectos Avançados, uma dependência do Departamento de Defesa Norte-Americano, abordou a LM para desenhar e fazer um protótipo de um veículo para reconhecimento e resgate militar, a LM produziu o carro em pouco mais de quatro meses, depois de ter recebido 162 submissões oficiais. O presidente Barack Obama foi à inauguração, apertou a mão a Rogers, e saudou todos os que tinham contribuído para o desenho.

Esse foi o ponto alto. O ponto baixo veio em Junho de 2011, quando, depois de gastar 3 milhões de dólares e produzido 11 Rally Fighters, Rogers decide encerrar a produção. A comunidade tinha sugerido algumas alterações que, ele sabia, iriam melhorar o carro – coisas como uma melhor suspensão e um encaixe mais limpo das portas. Os membros da direcção, Mark Smith e Tom Lehrman, especialista em finanças, sugeriram que congelasse o Rally Fighter e arranjasse o dinheiro fazendo mais passatempos com parceiros empresariais. Quando anunciou as novidades à equipa, ficaram surpreendidos – não que a direcção desse essa sugestão, mas que Rogers a levasse em frente. Isso fê-lo despertar: em vez de fechar, alterou o preço do carro para 75 mil dólares (estava a ser vendido por 50 mil) e, depois, angariou 2.7 milhões de dólares em duas semanas, para financiar as mudanças de design. Em seis meses, o Rally Fighter estava de volta à produção mas, Rogers admite, "foi devastador". Durante essa pausa, teve de despedir toda a equipa de produção.

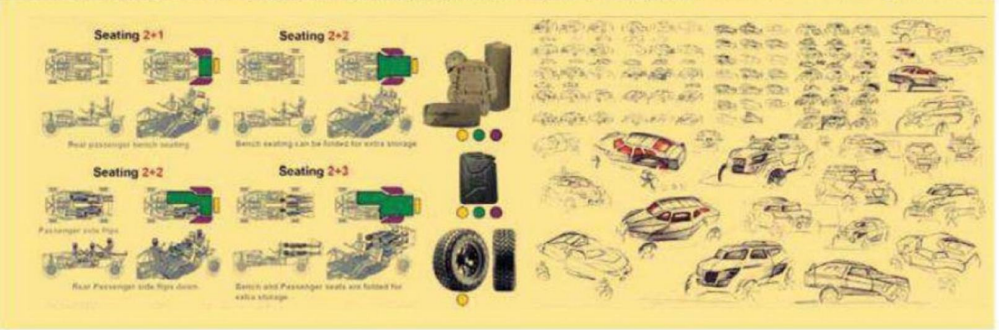
Quando fala sobre a sua comunidade, Rogers irradia. Tanto para apoiantes como para críticos, a vantagem de usar uma comunidade é que se recebem milhares de ideias e críticas – a sabedoria da multidão – sem ter de pagar por isso (além dos 10 mil dólares com que a LM recompensa os vencedores). Os vencedores não recebem nada pelos seus desenhos, excepto se a empresa os produzir. Seguem os termos da Creative Commons, um grupo que promove o 'sourcing' aberto, tornando a informação, gratuitamente, disponível a todos. Na realidade, se esta é a primeira empresa baseada numa comunidade, é também a primeira empresa automóvel 'open-sourced'. Os grandes construtores não divulgam os seus segredos. Todos os pormenores técnicos da LM estão disponíveis online e toda a gente pode fazer um Rally Fighter na sua garagem, se tiver os meios, sem ter de pagar um cêntimo à empresa. A LM até fornece um 'wiki', que explica, passo-a-passo, todo o processo.

A LOCAL MOTORS CONSEGUI DESENHAR E PRODUZIR UM CARRO DE RECONHECIMENTO E RESGATE PARA O EXÉRCITO AMERICANO EM APENAS 4 MESES. UM FEITO QUE LEVOU A QUE, NA INAUGURAÇÃO, RECEBESSEM A VISITA OFICIAL DO PRESIDENTE OBAMA.

O QUE TORNA O RALLY FIGHTER ÚNICO É QUE NÃO FOI CONCEBIDO NUM ATELIER. FOI IMAGINADO NA INTERNET POR ASPIRANTES A DESIGNERS. É O PRIMEIRO CARRO NO MUNDO CONCEBIDO POR CROWDSOURCING

Mas Rogers está convencido que a terceira revolução industrial não é apenas sobre dinheiro, é sobre felicidade. O que os membros da comunidade recebem, diz, é a satisfação de verem os seus desenhos concretizados, se ganharem. Uma comunidade internacional de pessoas com coisas em comum, para fornecer apoio e feedback, ferramentas profissionais online – como o CAD – a um valor simbólico, para que seja mais fácil converter desenhos à mão em desenhos técnicos, e a oportunidade de mostrar trabalho numa comunidade de design mais vasta. Rogers tem a certeza de que o site é monitorizado por fabricantes tradicionais – Victor Garcia, que submeteu o desenho vencedor para o veículo DARPA, está agora a trabalhar para a empresa de camiões Peterbilt, e Sangho Kim está na GM coreana. O nome de Kim adorna também todos os Rally Fighters numa placa de metal, da mesma forma que a assinatura de um artista identifica uma tela.

Rogers acha que essa mesma satisfação motiva quem compra o carro. Obviamente, quem o faz tem possibilidade de comprar um carro caro em tempos economicamente difíceis, mas ele acredita que existe um atractivo mais profundo do que apenas ter um nova "jóia". Chama-lhe a "experiência da construção" – a oportunidade de fazer o seu próprio carro, fazer tudo, desde desenhar as imagens que



AS PROPOSTAS PARA O DESIGN DO VEÍCULO MILITAR CHEGARAM DE TODO O MUNDO, VIA INTERNET. EM CIMA, ALÉM DO CARRO REAL, OS DESENHOS DA PROPOSTA VENCEDORA, DA AUTORIA DE VICTOR GARCIA

adornam o vinil, até apertar os parafusos. A experiência demora seis dias. Pode ser um pai e o seu filho, alguns amigos, ou até um marido e a mulher. Os clientes não são mecânicos, alguns nunca usaram uma chave de parafusos, mas a experiência de construção é um caminho para a criação de laços afectivos. O formador em construção, Mike Pisani, diz: "Estamos a tentar criar a Disney World do automóvel. Não é apenas uma troca de dinheiro por um carro".

De certa forma, essa é a primeira força por trás da terceira revolução industrial: aproximar as pessoas, de formas novas e pouco habituais. Com a Shell Oil, a Local Motors tem feito passatempos de design para veículos eficientes a nível energético: com a empresa de bicicletas B'Twin, para um triciclo de adultos: com os camiões Peterbilt, para um novo veículo topo de gama: com as pizzas Domino's, para um carro de entrega personalizado: e colaboraram até com a Reebok, para uns ténis inspirados em automóveis. Enquanto os principais participantes são aspirantes a designers, houve condutores de camiões a inscreverem-se para o projecto da Peterbilt, e entregadores de pizza no concurso da Domino's.

No entanto, os fabricantes tradicionais estão cépticos. O director de inovação da General Motors visitou as instalações de Arizona e saiu perplexo. "Não percebeu, de todo", diz Rogers. Atribui-o ao facto de que a maior parte dos executivos do ramo automóvel, embora ansiosos por aprender como fazer movimentar carros na internet, afinal não gostam assim tanto de carros. Ainda assim, a LM fez uma parceria com a GM. As duas empresas foram, como Rogers coloca, "estranhos companheiros de cama". A LM também colabora com a BMW, num plano no qual a LM utilizaria a sua comunidade internacional para desenhar veículos locais para zonas específicas e, depois, a BMW geriria algumas das micro-fábricas.

Rogers afirma já ter feito mais carros do que Preston Tucker e acredita que a sua empresa será lucrativa até ao final de 2013, não apenas pelas vendas de carros mas pelas parcerias dos passatempos e pelas vendas de software CAD à comunidade. Uma vez que os gastos gerais são tão baixos, afirma ter de vender apenas cinco carros por mês para lá chegar. Mas, depois, existem aquelas perspectivas industriais que se estendem muito além do lucro. A LM já está a trabalhar num carro de dois lugares, um atrás do outro, que está a ser desenhado e projectado pela comunidade LM online com a intenção de fornecer os pormenores técnicos, para que possa ser construído por todos, em casa, por apenas 10 mil dólares.

A empresa está a estudar uma forma de estimular a comunidade de engenharia que, neste momento, tem apenas 50 participantes regulares, e torná-la tão activa quanto a comunidade de design, na esperança que a LM, um dia, possa ter o seu próprio motor. Está também à procura de parceiros globais, tanto empresariais como governamentais.

Mas, como quase todos na LM dizem, o objectivo é ser mais do que uma empresa de carros. O objectivo é ser "o" pólo mundial online de transporte, o sítio onde todos os que se interessam por transporte, sejam carros, barcos, bicicletas, comboios ou aviões, possam debater, desenhar e projectar veículos. Já existem centenas de "reuniões" em garagens, caves e armazéns por todo o país – laboratórios de guerrilha, onde todos os que querem fazer alguma coisa podem passar o tempo com outros amadores, usar o equipamento e produzir.

A LM tem transformado as suas próprias micro-fábricas em espaços-piratas, às quintas-feiras à noite. Com o tempo, pode tornar-se no maior espaço pirata virtual do mundo. Como afirma Isaac Olson – que faz a ponte com a comunidade de engenharia – um dia, a empresa pode servir como troca, mostrando às pessoas como realizar os seus planos, ao ligá-las com os produtores e outras entidades competentes. O designer Aurel François concorda. Ele vê a LM, não tanto como um potencial Facebook para designers, mas como um potencial eBay para o design de transporte.

"Acho que a Local Motors vai ser um nome muito conhecido, daqui a cinco anos", prevê o CIO, Tim Thomas. "O que estamos a fazer é completamente diferente, e o que produzimos apaixonante". Claro que, no extremo oposto, a LM também pode ir parar à lixeira. Mas, se for bem sucedida, Jay Rogers pode tornar-se uma lenda do negócio do século XXI – o homem que mostrou às pessoas comuns como ganhar às grandes empresas no seu próprio jogo, o homem que lutou contra a inércia industrial e que venceu. E, não menos importante, o homem que fez algo tão gigantesco e revolucionário, que demonstrou a sua própria força moral e fez renascer o nome Rogers.

É por tudo isto que Jay Rogers está a apostar tudo. Não se pode dar ao luxo de perder.

JOANA VIEIRA

Atendeu um telefone por engano e acabou num casting que mudou a sua vida. O casting da novela *Tu e Eu*. Agora, aos 24 anos, de sorriso fácil e com uma resposta sempre pronta, ainda tem muitos sonhos por realizar. Fica o convite ao leitor para desfrutar de toda a sua beleza.

Entrevista **Marco Reis** Fotografia e Realização **Maria Vasconcelos**

"Afinal de contas não é todos os dias que se fotografa para a capa da Playboy!

Lígas da produção

“Uma vez safei a minha irmã de uma multa de trânsito.

Começaste a tua carreira, em 2007, a partir de um equívoco telefónico. Acreditas no destino? *(sorriso)* Que bela pergunta para começar. Eu acho que as coisas que me têm acontecido, tinham de acontecer. É óbvio que temos que trabalhar muito para que as coisas se concretizem e para termos sucesso. Mas não há que desviar muito o nosso caminho...

... é a profissão que nos escolhe? Sim, acho que sim! Depois temos de trabalhar, claro.

E como é, quando chegas no primeiro dia de filmagens e vês à tua frente uma Daniela Ruah ou uma Fernanda Serrano? É uma grande responsabilidade! É um misto de emoções: é o medo enorme de falhar; é a adrenalina de estar a contracenar com ícones da ficção nacional; é o orgulho de sentirmos que chegámos um pouco mais além na carreira; é o desafio de tentar demonstrar o nosso talento.

E depois fizeste uma espécie de processo inverso, aos actores da tua geração. Começaste na novela *Tu e Eu*, no primetime, e foste depois para os *Morangos Com Açúcar*... Eu sou assim, faço tudo ao contrário! *(risos)*

Como foi essa passagem? Foi muito engraçada. Acabam por ser dois registos absolutamente diferentes. Na novela da noite tinha menos textos e mais cenas pequenas. O ambiente é altamente profissional e não há espaço para falhar. Nos *Morangos*, temos mais sentido de grupo. Estamos mais amparados e amparamo-nos mais. Há menos cenas, mas são mais longas, com mais gente a contracenar ao mesmo tempo.

E depois da ficção, os directos com o *Sempre a Somar*. A transição foi muito difícil ou foi ainda mais o teu elemento? Eu gosto imenso de falar e ali podemos ser nós próprios. Essa parte é positiva! Mas é o registo mais complicado que já fiz. É em directo... é sem rede! Temos um tema que tem de esticar pela hora inteira, e entre as três câmaras apontadas, um realizador a dar informação constantemente pelo auricular, os espectadores a entrarem em directo, o acerto de planos... é muito complicado mesmo! Exige mesmo muita concentração. No entanto, ficamos com maior 'bagagem'!

Profissionalmente, és conhecida como uma pessoa muito teimosa e persistente. Nunca confundiram estas características com arrogância? Tenho a certeza que sim. E já me prejudiquei com isso. As pessoas julgam muito rapidamente e, quase sempre, sem ter grande base. Não me importo que me julguem, mas que me deixem primeiro demonstrar o que sou, o que posso fazer, o que valho.

E na tua vida amorosa... também és teimosa e persistente? Sim! Eu tenho uma

ideia menos romântica do que deve ser uma relação. Acho que temos que trabalhar persistentemente para que as coisas funcionem. Tem que haver amor, claro, mas também têm de existir cedências de ambas as partes. E enquanto não vejo que existem, não consigo estar de corpo e alma na relação.

E se não existir esse 50/50? "Quando vejo que não existe e que não vai existir, corto completamente... parto para outra. Não vale a pena estar a prolongar uma coisa em que não se acredita. Corto o mal pela raiz!

Achas isso uma virtude ou um defeito? "Definitivamente um defeito... mas é assim que eu sou!

Neste editorial transpareces ter uma espécie de "provocação inocente". É consciente? "Não, acontece naturalmente. Já me tinham dito isso, mas a verdade é que nunca trabalhei muito essa parte. Claro que, se o sex-appeal for uma característica de uma personagem, trabalho para que a componente sexual esteja lá, mas fora disso não procuro esse meu lado. É inconsciente!

Mas nunca te valeste da tua sensualidade para conseguires o que queres? "Não, nunca, sou muito trapalhona! *(gargalhada)* Houve uma vez que safei a minha irmã de uma multa de trânsito. Deverá ter tido a ver com o ser bonita e com a forma como falei com o polícia, mas não fui falar com ele a insinuar-me.

E és uma mulher realizada? "Ainda não... de todo! Ainda tenho muita coisa pela frente.

A todos os níveis? "Sim, a todos!

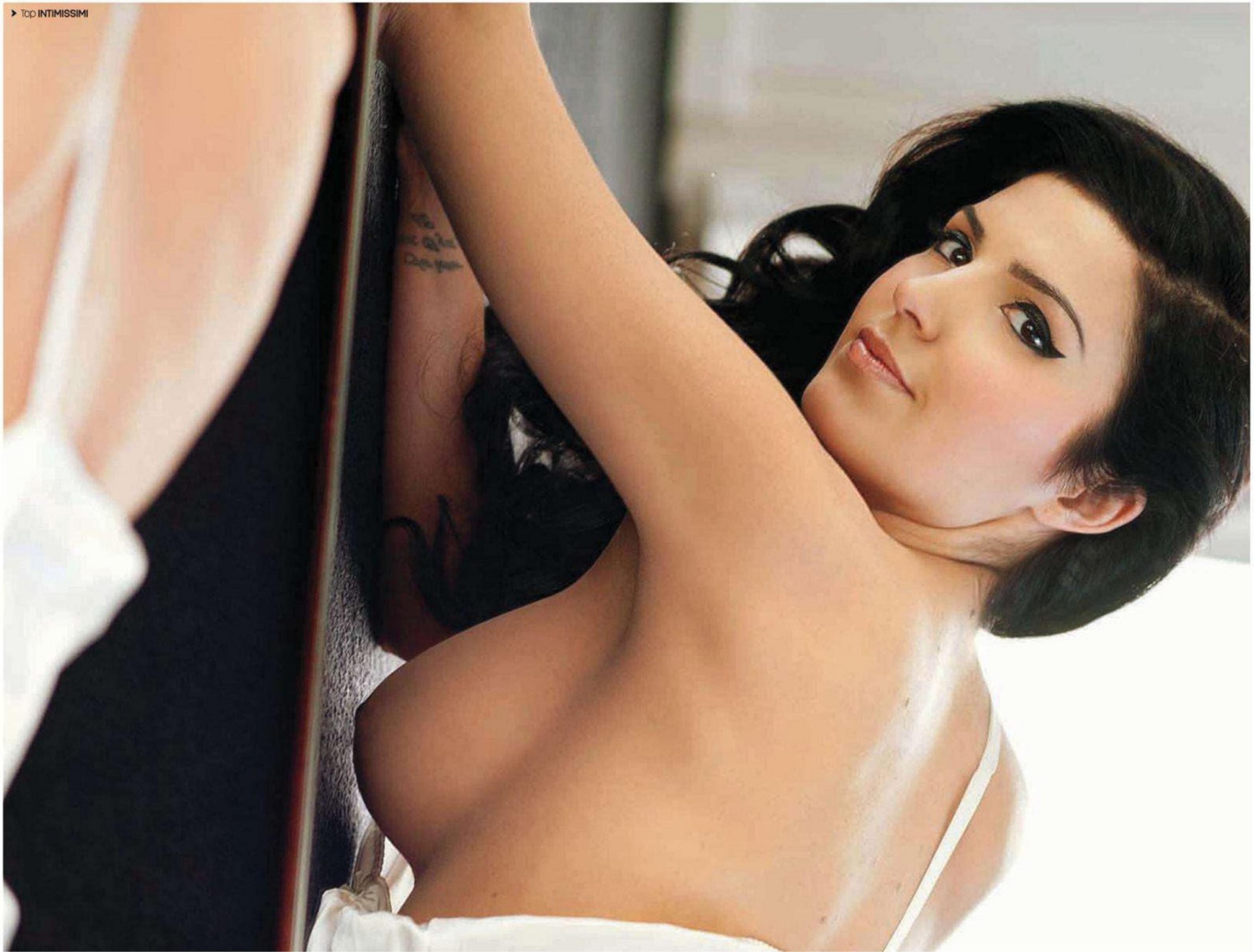
Como é que te preparaste para o editorial da Playboy? "Bem, primeiro de tudo, preparei-me a nível psicológico, claro. A revista é um ícone nacional e internacional, e sabemos que todos nos vão ver. A nível físico, tive a preparação normal de uma mulher para estas coisas – tratar a pele, etc. – e aproveitei para, alguns meses antes, aumentar o peito na clínica Mecci.

Sentias que essa cirurgia era fundamental? "Não era fundamental, até porque tinha um peito bonito. Mas queria estar a 100%, sem falhas, afinal de contas não é todos os dias que se fotografa para a capa da Playboy! E nem é para todas! Queria estar perfeita.

Que impacto achas que vai ter a tua presença na capa da revista? "Espero que tenha um impacto positivo, claro. Mas é um enorme orgulho chegar a este degrau. Já fui modelo, sou actriz com provas dadas... agora cheguei à capa da Playboy!

Já pensaste como seria a tua vida se não tivesses atendido aquele telefonema? "*(Gargalhada)* Existiria um voice-mail, ou uma SMS, ou ele tocaria de novo, ou acabava por ligar... sabes, eu tento atender sempre o telefone e, mais tarde ou mais cedo, ele acaba sempre por tocar.

▸ CAMISA **HOSS INTROPIA** ▸ meias **CALZEDONIA** ▸ sapatos **PRIMARK**



▸ Lingerie **INTIMISSIMI**

STYLING Ana Fontinha
MAKE-UP & CABELOS Alex Me
ASSISTENTE DE STYLING Marcela Cabral

AGRADECIMENTO ESPECIAL Hotel Farol Design

TEXTO VALTER HUGO MÃE

ILUSTRAÇÃO ESGAR ACELERADO

Passei três anos com a mesma mulher, noite após noite, inventando tudo quanto era possível inventar no seu corpo de sempre. A mesma mulher, todos os dias. O amor já sem mistério. Enfim, é um exercício espiritual, claro está, uma disciplina mental, um passo para o sublime todo utópico. Não é natural. Dormir com a mesma mulher durante três anos não é natural. Ficámos mais lentos, ainda arriscamos que a pila ganhe raízes no terreno conhecido da mulher. Hoje, sei que fui corajoso. Mas a coragem tem de dar lugar ao juízo.

SARA E GRAÇA

A bravura de aguentar tanto tempo de fidelidade não podia deixar de ceder perante a inteligência biológica. A minha boa vontade acabou quando, no elevador, a vizinha de cima entrou com um vestido fino de Verão, a cueca a fazer marca na anca e, muito ao de leve, um odor a entre-pernas pairou no andador cubículo. Quase lhe disse gulosamente que a queria. Assim de imediato, como fazem as crianças sumariamente. Contive-me por causa do prédio, as reuniões de condomínio, o marido dela, a minha companheira, a porcaria da sociedade cheia de regras cretinas. Mas não escondi o volume nas calças. Parecia que tinha roubado uma beringela e estava orgulhoso disso.

Subitamente, percebi que nunca ouvira gemidos ou quaisquer sinais de prazer vindos do apartamento de cima. Foi nisso que pensei. Fixei a marca das cuecas e estava há três anos em regime de fidelidade e não sei bem o que mais me baralhou. Estivera apaixonado até então, mas ali, num segundo, pareceu-me mais saudável desejar mulheres sem esforço. Mulheres, muitas, todas, sem o ofício de inventar a cada noite o que já não há para inventar. Uma mulher diferente traz a diferença inventada. Eu, calmamente, posso ser exactamente o mesmo. Saudavelmente o mesmo.

A minha vizinha salivou. As mulheres só se fazem de púdicas enquanto há regresso, porque quando o facto está consumado não há nenhuma que se trave. Depois de me ver o pau, o olhar atrapalhado, a minha vizinha entendeu bem que a pressa não permitia mais mas, na primeira oportunidade, estávamos como de encontro marcado.
Apanhei-a na garagem, dois dias depois. O abotoado do marido acabara de sair, ainda o vi, e eu assomei à garagem para ir buscar um livro que deixara no carro. Fui direito a ela, a beringela outra vez inteira nas calças, num segundo, e ela logo molhada e a suspirar ansiosa.
Gostei de não dizer nada. Chegar e beijá-la e ela a passar-me as mãos e só a suspirar. As prostitutas deviam funcionar assim. Sem conversas deprimentes acerca do dinheiro, descontos, toalhas lavadas nas pensões imundas. Devíamos chegar, fazer como doidos e depois, no fim,

discutir essas parvoíces contra o amor. A minha vizinha pôs-se de costas e disse: se vais roubar o meu marido, rouba-lhe este cu que a ele não lhe faz falta. Não sei há quanto tempo ela havia de ter aquela vontade reprimida. Talvez andasse a pedir tal coisa ao marido e ele, abotoado e totó, não lhe dava direito a paneleirices. Pois, eu adoro mulheres paneleiras, de rabo redondo, arrebitado, abundante, guloso. Respondi: será um prazer, cara vizinha. E meti-me lá dentro à primeira, um pouco bruto, porque o proibido da situação já servira de preliminares e ela estava pronta para o lado bruto do sexo. Estava a precisar do lado bruto do sexo. No meio dos carros, com a luz apagada e uma frincha de sol a vir pela janela mínima ao fundo, comi-a a esfregar-lhe as mamas. Quase lhe rebentava os silicones. Gosto sempre de mexer muito. Ver como voltam ao lugar. Como ficam tesinhas, todas orgulhosas dos três mil euros que custaram.

Depois disto, passei a ir à garagem mais vezes. Ela também. Íamos correndo os carros todos, excepto o do tipo chinês que ligava o alarme e fazia uma chinfrineira que nos ia matando do coração. A mim, dava-me especial gozo fazê-lo no carro da virgem do primeiro andar. Ela passava para as aulas da faculdade com golas brancas redondinhas, fechadas no pescoço, a tapar tudo. Mas tinha a espontaneidade do erotismo. Era sensual. As curvas apareceram-lhe todas e eu queria-a muito.

Uma noite, eu a meter na vizinha de cima, apareceu a virgem do primeiro andar e assustou-se. Estagnou no meio da garagem e eu mostrei-lhe uma ereção de respeito feita da melhor engenharia biológica. A rapariga gaguejou algo que não se percebeu e a do andar de cima disse: mete-lhe no cu que assim ainda fica virgem para o altar. Eu juro que não me mexi. Foi a rapariga que ouviu aquilo e se aproximou. Quando lhe toquei no braço ela parecia ter uma estrutura de desmontar as pernas, porque ficou do tamanho de oitenta centímetros e encheu a boca como se o precisasse para respirar. A vizinha de cima disse-lhe: anda, cachopa, que isso também não te rouba a virgindade.

As universitárias não são virgens. Claro que não. A primeira urgência da praxe é resolver esse problema, se ele ainda persistir. Mas aquela era muito demorada na vida. Tinha vindo dos campos e não havia por lá muito rapaz. Conseguiu crescer adiada. Mas não lhe faltava vontade de ser uma mulher normal, porque se agarrou a mim e à Sara com uma fome existencial admirável. A Sara nem pensara nunca em acariciar mulheres ou algo mais, mas a miúda começou a pôr-lhe os dedos, depois a língua, e aquilo já era uma gratidão por todo o lado. Agradeciam-se uma à outra como gente feliz.

UMA NOITE, EU A METER NA VIZINHA DE CIMA, APARECEU A VIRGEM DO PRIMEIRO ANDAR E ASSUSTOU-SE. (...) A VIZINHA DE CIMA DISSE-LHE: ANDA, CACHOPA, QUE ISTO TAMBÉM NÃO TE TIRA A VIRGINDADE.

Meti-me no meio das bocas delas. Sempre gostei assim. Duas bocas. O vestido rosa da Graça a brilhar. Era de uma seda muito lustrada, limpinha. Lembro-me de o ver a pintalgar-se todo quando me levaram ao orgasmo. Ficou molhada. E a Sara beijou-lhe o vestido e beijava-lhe a boca, as duas viciadas uma na outra e eu a dizer: ficaste a dever-me o cu, menina, não me escapas. Lembro de nos rirmos. Falámos dos Sigur Rós, um grupo de rock islandês. A Graça gostava. A Sara, mais velha, andava pela música deprimente dos anos sessenta. Dizia: Beatles. A Graça torcia o nariz. Por causa disso, a universitária disse: tenho uma colega que adora Beatles, parece uma idosa. Riu-se. Também é virgem, acrescentou. Eu reluzi. Perguntei: achas que posso ajudar? Gosto de comer mulheres que ainda tenham paciência para os Beatles. A Graça regozijou e respondeu: a esta, se lhe tirares a saia de bolas brancas, podes parti-la a meio, que ela não me fala noutra coisa.

Voltei a casa. Chupado, suado, satisfeito, e disse à minha companheira que aquilo já tinha dado. Havia muita urgência à minha espera. Eu não nascera para ser o Popeye dos afectos. Não tinha fixação numa Olívia qualquer. Comigo, a heroicidade disparava para todas as mulheres do mundo. Não podia negar ajuda a ninguém e, aos trinta e sete anos, era a altura certa para aceitar o meu destino, cumprir uma maravilha.

Não sou insensível. Chorámos os dois por um bocado. Dividimos uns livros e uns discos. Escolhi umas coisas de cozinha para não ficar demasiado limitado na gestão doméstica, e pus-me a andar dali para fora. Arranjei um apartamento na baixa. Mesmo onde as mulheres lavadinhas passeiam. Sabia que era só deixar-lhes a porta aberta, que entrariam pelo próprio pé. À saída, no entanto, algumas precisam de chamar uma amiga. Doem-lhes as pernas e, às vezes, nem se lembram de onde são. Divertem-me muito.

Agora vou precisar de uns acessórios — um apartamento, uns terrenos junto ao mar, um chalet...

PLAYSTYLE

Tudo o que um homem precisa para viver melhor

POP, POP, POP

BOOM BAP. FRENCH KISS ASS BRAND. Dizem eles sobre a própria marca e está bem de ver que não se levam assim muito a sério. A sua roupa também é assim. Casual, divertida e sexy. Street wear como o street wear deve ser. Inspirada na rua e para a rua. Fazem roupa para homem e para mulher e, desta vez, até lhe mostramos as propostas femininas porque, bem... porque são boas de ser vistas, está bem de ver.

BOM ANDAR

Os ténis são um excelente aliado para o dia a dia de luta na selva urbana. A boa notícia é que com estas escolhas aqui, pode andar confortavelmente calçado e com todo o estilo do mundo.

ADIDAS
TREKDANCE.. da Colecção Originals Blue

DIESEL
Yuk, uma reedição, vinte anos após o lançamento

G-STAR RAW
versão Track, para a corrida do dia-a-dia

CONVERSE
Star Player EV, em cores de contraste

NIKE
Os clássicos Lunar Force foram totalmente redesenhados

PUMA
By Alexander McQueen. Fashion Sneakers

BARBOUR BY VANS
União muito interessante
entre street wear
e... British Wear.

O PAÍS ESTÁ DE GANGA

Não há homem que não tenha umas. São provavelmente a peça mais resistente e famosa do guarda-roupa masculino. Já lhe dedicaram músicas e, do mais casual até ao (quase) formal, cobrem todo o espectro do estilo masculino. E não pára de se re-inventar. BRUNO LOBO

LEVIS
Pode não parecer, mas o que aqui vêem são umas Levis 501, as mais tradicionais das calças de ganga, que este ano ganharam um novo corte (ligeiramente mais apertado) e, sobretudo, novas cores. € 91

NUDDIE JEANS
A marca sueca é uma das estrelas da mundo da ganga. € 140

G-STAR RAW
Slim Fit e com construção em 3D, para se adaptar melhor ao corpo.
€ 148

J. CREW
O corte destas 484 é dos que melhor assentam no corpo masculino.
€ 128

PEPE JEANS
Num azul mais claro, slim fit.
€ 99

DIESEL
Thavar 810X, com contraste entre o índigo e o cinzento.
€ 255

SALSA
Jeans Daze, em ganga escura, Slim Fit.
€ 80

SALSA
Jeans Lima, com perna a afunilar.
€ 85

COMO USAR UNS JEANS

Lá por serem as calças menos complicadas de todas, também não é só chegar e agarrar nas primeiras, que nem são feias e que, por acaso, até lhe servem. Mais ou menos. Dependendo da forma como vai usar os jeans, e do estilo mais ou menos casual que quer criar, existem calças que, pelos tons e pelos cortes, são melhores do que outras. BRUNO LOBO

DE CASACO

A camisa pode estar por dentro ou por fora das calças, dependendo do corte. Algumas têm um corte mais curto mas, se não for esse o caso, deve ir para dentro. As calças podem ser mais descontraídas, não precisam de ser apertadas, e pode inclusivamente dobrar a bainha. Também pode arriscar cores mais claras, até ao branco.

DE T-SHIRT

A t-shirt nunca deve ir por dentro, mas também não deve ser comprida. Os bolsos têm de ficar à vista. As calças não precisam de ser muito justas, mas convém que tenham alguma forma. Quanto à cor, pode usá-las mais claras, mas se a t-shirt já o for, não fica mal uma ganga mais escura.

DE BLAZER

Com camisa formal, que deve estar sempre por dentro das calças. Estamos num look mais arranjado e, por isso, tanto a camisa como as calças devem ser slim-fit, para ficar com uma silhueta mais elegante. As calças aqui devem ser sempre num azul mais escuro, quase preto.

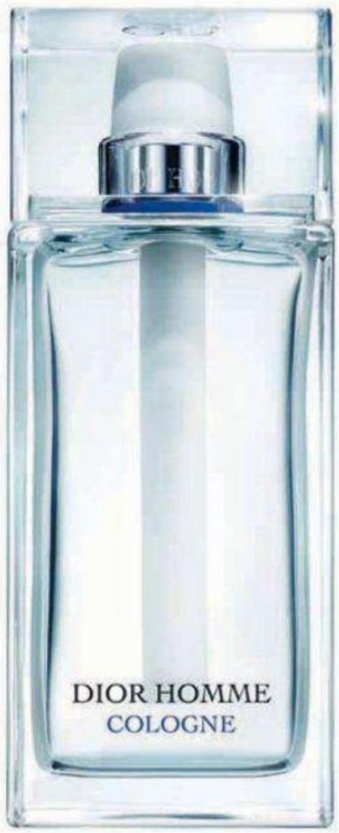
COLÓNIA DE FÉRIAS

O novo Dior Homme Cologne é claramente uma colónia de Verão. Faz-nos sonhar com lugares maravilhosos, onde seria tão bom estar. Faz-nos sentir bem, connosco e com o mundo. É certo que ainda faltam uns meses, mas ao usá-lo sentimos que já cheira a férias. E isso é bom.

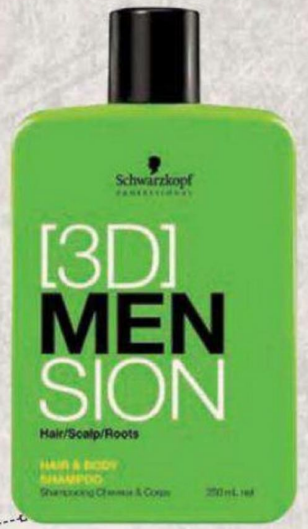
Os perfumes da Dior têm ainda uma grande vantagem (pelo menos, para quem gosta deles): todos são, indiscutivelmente, perfumes Dior. Não é um cheiro, porque são todos diferentes, e alguns muito diferentes mesmo; é mais uma estratégia, uma ideia subjacente, que os une — chamem-lhe o Factor Demachy (de François Demachy, o perfumista da casa Dior), se quiserem — e o Dior Homme Cologne não é diferente.

Se já gostava do actual, vai certamente também gostar da nova versão. É um perfume de Verão, perdão, colónia de Verão, fresca, portanto cítrica, também mas com um toque de "algodão puro",que lhe confere o carácter distintivo. É sobretudo um perfumeelegante e simples, sóbrio e descontraído, duradouro, em linha com o mote do fundador da casa, que defendia que a simplicidade é a essência do Luxo.

A principal razão para comprarmos um perfume não é necessariamente para cheirarmos bem, mas sim para sermos invadidos por uma sensação de bem-estar e isso é cumprido na perfeição por este Dior Homme Cologne. BRUNO LOBO



Como o perfume, o frasco também é, indiscutivelmente, de um perfume Dior. E simplesmente elegante.
Dior Homme Cologne edt 125 ml, **€ 95.60**; edt 75 ml, **€ 68.70**



Schwarzkopf
(3D) MenSion.
Hair & Body Shampoo.
Como o nome indica, basta uma mão-cheia para lavar a cabeça e o corpo. E reforça o cabelo, revigora as raízes, e deixa todo o corpo com uma sensação de frescura.
€ 12.60

Philips
SensoTouch 3D.
Umas vezes, queremos ter barba e andar algum tempo de pêlo na venta. Outras, queremos tê-la bem feita e pele de menino. O problema é que isso implica algo para fazer a barba e outro algo para a aparar.
Esta Philips deixa-nos escolher, pois é uma máquina de barbear perfeita (com sistema GyroFlex 3D, que se adapta aos contornos do rosto e se pode usar a seco ou molhado), e vem também com um aparador, com cinco níveis de comprimento.
€ 310

LAB SERIES
Pro LS All-in-One Face Treatment.
Descomplicado e abrangente. Um único produto resolve (quase) todos os problemas da sua pele, com quatro benefícios principais: anti-irritação, hidratação, regeneração, anti-oleosidade. Os estudos da marca indicam que os homens dão uma taxa de aprovação superior a 90% a qualquer um destes benefícios. E basta usar de manhã, como after-shave e/ou à noite, como hidratante.
€ 32

MULTITASKING

Existem muitos produtos específicos e, não estamos aqui a menosprezar as suas qualidades, mas também existem outros que, pela sua versatilidade, dão muito bem conta de vários recados. **BRUNO LOBO**

ilustração **HÉLIO FALCÃO**

MERCEDES CLS SHOOTING BRAKE

Mesmo arriscando o trocadilho idiota, há que dizê-lo com frontalidade: ao decidir criar a 'carrinha CLS', a Mercedes-Benz deu um tiro certeiro.

TAL COMO A MAIORIA DOS TIPOS de carroçaria automóvel – berlina, cabriolet, sedan, coupé... – o nome 'shooting break' também vem do universo cavalar: eram tipos de atrelados puxados por cavalos. No caso em apreço, um veículo de tracção animal destinado a transportar os Lords caçadores até aos terrenos de caça. A indústria automóvel adaptou o nome a station wagons (mais um) com um design afilado e apurado, desportivo até, em que não é tão importante o volume de carga da bagageira, mas mais o estilo elegante e o status que confere ao proprietário. Quanto à Mercedes, não contente por ter inventado um nicho com o CLS, um coupé de quatro portas, agora junta-lhe a versão carrinha, a tal Shooting Brake – chamemos-lhe então um coupé de cinco portas.

No que ao design diz respeito, a silhueta apurada do CLS manteve-se, e apenas a secção traseira se prolonga agora até à quinta porta, mas mantendo a linha fluida e elegante (talvez até mais que no quatro-portas, mas isso são gostos e esses não se discutem).

Em termos dinâmicos, nada de novo. E ainda bem, aliás – sendo as qualidades dinâmicas do CLS 'carro', já de si, de elevado nível, elas mantiveram-se na CLS 'carrinha', e isto apesar do aumento do peso (mais 80 kg). A CLS Shooting Brake comporta-se com brilhantismo, quer em conforto, quer em eficácia na estrada. O V6 turbodiesel (265 cavalos) que testámos é um poço de força e de disponibilidade e, feitas as contas, até se revelou económico q.b. – embora o consumo seja um valor relativo (depende, entre outros factores, do peso do pé direito do condutor), uma média de 10.5 l/100 até nem é exagerada, principalmente quando as velocidades atingidas, e as acelerações até lá se chegar, foram tudo menos cuidadas... e fiquemo-nos por aqui, que as multas estão caras. A Mercedes CLS Shooting Brake é a reinvenção do nicho: quando a concorrência (leia-se a BMW, com o Série 6 GranCoupé) entrou nele, o fabricante de Stuttgart criou o sub-nicho: uma break premium desportiva. Aguardemos a resposta dos lados de Munique... LUÍS MERCA

MERCEDES CLS 350 CDI SHOOTING BRAKE

- **MOTOR** V6, 2987 CM³
- **POTÊNCIA** 265 CV
- **VEL.MÁX.** 250 KM/H
- **0-100 KM/H** 6.6 S
- **CONSUMO** 6.1 L/100
- **CO_2** 162 G/KM
- **PREÇO** A PARTIR DE € 88 100

Race
opc
GG EW 973

OPEL ASTRA OPC

OPC. Sigla mágica. Significa Opel Performance Center, e transforma qualquer Opel num cocktail de sensações.

QUANDO UM MODELO OPEL É OPC, uma coisa é certa: os senhores do departamento de competição da marca pegaram nele, afinaram, retocaram, substituíram isto por aquilo, testaram em pista (no circuito de Nürburgring, se faz favor), em suma: 'artilharam-no'.

E o resultado da passagem do Astra GTC pelos ateliers do Opel Performance Center começa logo por estar à vista no exterior: o aspecto é marcadamente desportivo, com vias largas, jantes de generosas dimensões (20 polegadas, calçadas com uns belos pneus 255/35), e as pinças dos travões Brembo bem visíveis, a vermelho.

Um aileron na traseira, onde pontificam as duas saídas de escape, e uma frente com uma vasta grelha, que aquele motor precisa de muita respiração. Visto de fora, o Astra OPC parece um felino, abaixado, a preparar o salto. Mas quanto a 'saltos', já lá iremos.

No interior, o mesmo tratamento desportivo: bacquets em cabedal, com muito bom suporte lateral, instrumentação completa e bem visível, um volante espesso e a convidar as mãos do condutor a manusearem-no sem moderação.

Debaixo do capot, a *pièce de résistance*, apurada pelos Senhores do OPC: um 2-litros turbo, a gasolina, claro, que debita 280 cavalos, uma bela potência específica de 140 equídeos por litro. Para além da potência em si, este motor surpreende pela fácil utilização. O binário é generoso e permite circular a baixa velocidade em 6ª, sem necessitar de recorrer frequentemente à caixa manual de 6 velocidades. De resto fácil de operar, precisa e bem escalonada.

Ter 280 cavalos à disposição é uma coisa; outra é colocá-los eficientemente no chão e fazer bom uso deles. E quanto a isso, o Astra OPC está muito bem, obrigado. O eixo dianteiro assegura uma motricidade (quase) sem falhas, e o trabalho das suspensões permite uma boa aderência ao solo e um comportamento são, previsível e fácil de controlar. É um pouco durinho — de outra forma não poderia ser, para dominar toda aquela manada — mas sempre dentro de níveis de conforto perfeitamente aceitáveis.

Falemos então dos tais 'saltos'. Pois bem, é no bom sentido, e é o que acontece quando se puxa a sério pelo Astra OPC: a passagem das velocidades sucede-se rapidamente, com o motor a 'dar mais' (aparentemente, até, a 'pedir mais'), e a 'saltar' para a frente, tal é a sua disponibilidade de potência e binário.

Dos 0 aos 100 km/h, uns meros 6 segundos; e só não referimos em quanto tempo se chega (chegaria) aos 200, porque o Código da Estrada não permite... Ainda assim, fica a informação de que a velocidade máxima é de 250 km/h e que sim, é possível chegar lá, e até bem mais depressa do que se poderia imaginar.

Uma grande máquina, este Astra OPC. Permite uma utilização diária normalíssima, até mesmo no pesadelo do pára-arranca. Mas transfigura-se se puxamos por ele: ganha um músculo e uma energia dignos de um desportivo de gama superior. E não cansa, o que é curioso. Ao fim do dia, depois de acelerações, travagens, curvas e contracurvas, continua a haver vontade de dar só mais uma voltinha... LUÍS MERCA

OPEL ASTRA OPC

- **MOTOR** 1998 CM³
- **POTÊNCIA** 280 CV
- **VEL.MÁX.** 250 KM/H
- **0-100 KM/H** 6.0 S
- **CONSUMO** 8.1 L/100
- **CO_2** 189 G/KM
- **PREÇO** € 38 500 (UNIDADE TESTADA: € 43 375)

O HD É COISA DO PASSADO

A grande novidade é o Ultra HD, ou 4K: o dobro da resolução, tanto vertical como horizontal, ou seja, quatro vezes mais píxeis que o Full HD. A pergunta é: vale a pena? BRUNO LOBO

A resposta à pergunta da entrada tem de ser: claro. Tudo vale a pena se a TV não é pequena. É certo que, tecnicamente, existem vários argumentos que se prendem com as nossas próprias limitações físicas, que levam a pensar que um aumento de resolução não será perceptível aos olhos. Mas o mesmo argumento pode, e foi, feito em relação ao salto entre os 720 e os 1080p, e as pessoas não deixaram de comprar TVs com a melhor resolução possível. Até porque também é certo que, com estes avanços, vêm invariavelmente outros, ao nível do contraste, e aí as imagens acabam por se tornar realmente mais nítidas.
Independentemente disso, quanto maior for o ecrã, maior partido se pode tirar da resolução acrescida. E em closeup, então, a cerca de dois metros de distância, temos um nível de detalhe impressionante. Há outro argumento a favor, e este inegável: o 3D. É que, neste caso, a resolução é dividida pelos olhos, logo, o dobro da resolução vem muito calhar. Claro que o UHD, o 4K, se está a tornar na nova coqueluche das televisões, também é verdade que ainda está a ensaiar os primeiros passos. Logo, e como sempre, os preços não começam por ser os mais convidativos... não para já.

SONY KD-84X9005

Os óculos para 3D são passivos, logo menos pesados que os outros. E, por falar em óculos, para quem joga, usando uns óculos especiais, o SimulView consegue apresentar duas imagens separadas em simultâneo, para que cada jogador possa ver o jogo no mesmo televisor, sem ser em ecrã separado.

LG 84LM960V

A LG foi, ou melhor, é a primeira televisão do mundo a ser comercializada com esta tecnologia e, com um grande ecrã de 84" (214 cm), a 1.60 metros consegue-se uma nitidez tão perfeita como se tudo se estivesse a passar mesmo ali, à sua frente. Com a tecnologia DUAL-PLAY, também consegue jogar com um ecrã completo para cada jogador.

TOSHIBA 55ZL2

Este Toshiba tem muito que se lhe diga. Porque, além da resolução acrescida, é ainda o primeiro televisor de grande formato (55", 140 cm) em todo o mundo, que dispensa os óculos para visionar em 3D. Isso mesmo: 3D sem óculos! É muito melhor.

TEM DE OUVIR ESTE TELEVISOR

Não se vêem colunas nem fios, mas ouve-se um som absolutamente fantástico. Esperem, estamos a falar de um televisor? Se calhar é preferível começar por falar da imagem, não? OK, aqui vai. Olhando para o ecrã, e como objecto de design, não é nada do outro mundo. Ao contrário de tantos televisores LED que se encontram no mercado, tem uma moldura bem espessa. Mas, quando o liga, todas as suas 46 ou 55 polegadas brilham com uma qualidade de imagem excelente. A 1080p e com uma refresh rate de 120 Hz. E pronto, quanto à imagem, estamos conversados. É que isto é um Bose, e como em tudo o que é Bose, o Som ocupa o palco principal. O Video Wave II é o único televisor do mundo com um sistema de som completo, para música ou cinema em casa, integrado. Da Bose, claro. E como é que eles conseguem, sem colunas visíveis, recriar esta experiência? Com um misto de hardware (há sete colunas dentro da TV) e de tecnologia para espalhar correctamente o som pela sua sala. E por sua, entenda-se mesmo sua, porque vem com um sistema de calibração de áudio que 'ouve' a sala e ajusta a difusão do som para que saia o mais envolvente possível. Existem mais alguns argumentos, como uma dock para iPod/iPhone incluída, mas também um inteligente sistema que lhe permite controlar todos os aparelhos ligados ao Video Wave II (consola, leitor de DVD, etc., etc.), através de um único e pequeno controlo remoto.
Vale a pena ver como funciona em: www.bose.com. Preço: (a partir de) € 5 800

Assine a nova PLAYBOY

Tudo o que o Homem Sonha!

Assine agora

12 edições*
15%
€ 50.50
poupa € 8.90

24 edições**
25%
€ 89.10
poupa € 29.70

* Os primeiros 4 ganham **2 vouchers** de uma semana — no valor de € 176

** Os primeiros 8 ganham **4 vouchers** de uma semana — no valor de € 352

ClubeVII
HEALTH & FITNESS CLUB

* Apartir de 1 de Março de 2013

Sim, desejo receber a revista

Recorte, preencha e envie num envelope para: Media Page, Lda | Departamento de Assinaturas | Av. Eng. Duarte Pacheco 19 7ºD 1070-100 Lisboa
Assinale o método de pagamento desejado:

☐ Envio o cheque da minha assinatura à ordem de Media Page, Lda.
Cheque nº: .....

☐ Efectuarei o pagamento do valor através de transferência bancária para o NIB 0046 0054 0060 0068385 59, enviando juntamente com este cupão o comprovativo de pagamento.

Nome .....

Morada .....

Cód.Postal ..... Localidade .....

Telefone ..... Telemóvel ..... Fax .....

Email .....

N.Contribuinte ..... Data de Nascimento .....

Os dados recolhidos são processados automaticamente pela Media Page e destinam-se à gestão e à apresentação de futuras propostas, sendo garantido o acesso aos dados e à respectiva rectificação.
E-mail: assinaturas@playboy.pt

www.playboy.pt facebook.com/PlayboyPortugal

PLAYGROUND

Desporto, mais desporto e ainda mais desporto

START YOUR ENGINES

Marque no seu calendário: 17 Março. Austrália. Porque é na terra dos cangurus que arranca a edição 2013 do Mundial de Fórmula-1. Depois de assegurar o tri, o alemão Sebastian Vettel perfila-se como um dos candidatos ao título, apesar da forte concorrência que sentirá nos 5.303 km do circuito de Melbourne. Já fez as suas apostas?

RB
CF
LB

O que é estrangeiro (também) é bom

MAIS DO QUE UMA MODA, O TRABALHO DOS TREINADORES PORTUGUESES LÁ FORA (E CÁ DENTRO) REVESTE-SE DE COMPETÊNCIA INQUESTIONÁVEL. MAS ENTÃO E OS TÉCNICOS ESTRANGEIROS, QUE TANTO FIZERAM PELO NOSSO FUTEBOL? ESTA É UMA VIAGEM PELA HISTÓRIA DO CAMPEONATO NACIONAL. Texto **TIAGO BEATO**

Tal como há 500 anos descobrimos o mundo, agora é a vez do mundo descobrir o talento dos técnicos portugueses. Desde a Ásia à América, passando pela Europa e por África, os nossos treinadores têm ganho por onde passam. Aos títulos junta-se o reconhecimento de homens com métodos de treino e conhecimentos de topo, prestigiando um futebol que é muito mais do que as fintas de Figo, os golos de Cristiano Ronaldo ou as constantes polémicas e casos de polícia.

O primeiro sucesso mediático pertenceu a Artur Jorge. Depois de se sagrar campeão europeu pelo FC Porto em 1987, o Rei Artur conquistou a liga francesa ao serviço do Paris-Saint Germain. Estávamos no início dos anos 90, numa altura anterior ao acórdão Bosman, responsável pela livre circulação de jogadores comunitários na União Europeia, e eram raros os casos de portugueses a trabalhar lá fora.

Pouco tempo depois, foi a vez de Carlos Queiroz. Não tanto pelos títulos, mas pelo estatuto alcançado. O professor trabalhou nos Estados Unidos, no MetroStars, e a conquista de dois campeonatos mundiais de sub-20 por Portugal deram-lhe crédito para participar num programa que visava desenvolver o soccer.

A cereja no topo do bolo chegaria com José Mourinho. À semelhança de Artur Jorge, a vitória na Champions pelo FC Porto abriu-lhe portas para treinar numa liga de maior dimensão, neste caso a inglesa. No comando técnico do Chelsea fez a história que se conhece, tendo como principal feito a conquista do campeonato na época de estreia, em 2004/05, cinquenta anos depois do último título dos Blues.

Desde então, o chamado "efeito Mourinho" permitiu que outros treinadores portugueses recebessem convites para treinar no estrangeiro, e os resultados comprovam o acerto dessas apostas. Como seria de esperar, o eco das vitórias dos treinadores nacionais além-fronteiras teve repercussões a nível interno. Prova disso foi que, pela primeira vez desde a criação da Liga, só na época passada o campeonato teve treinadores portugueses da primeira à última jornada. Desde 1934/35, em quase 80 anos de competição!

Esta temporada arrancou novamente apenas com treinadores portugueses, e a Liga de Clubes só recebeu a inscrição de um técnico

Vencedores do campeonato nacional

ÉPOCA	CAMPEÃO	TREINADOR	PAÍS
1934/35	FC Porto	Jozsef Szabo	Hungria
1935 a 38	Benfica	Lipo Herczka	Hungria
1938 a 40	FC Porto	Mihaly Siska	Hungria
1940/41	Sporting	Jozsef Szabo	Hungria
1941 a 43	Benfica	Janos Biri	Hungria
1943/44	Sporting	Jozsef Szabo	Hungria
1944/45	Benfica	Janos Biri	Hungria
1945/46	Belenenses	Augusto Silva	Portugal
1946/47	Sporting	Robert Kelly	Inglaterra
1947 a 49	Sporting	Cândido de Oliveira	Portugal
1949/50	Benfica	Ted Smith	Inglaterra
1950 a 53	Sporting	Randolph Galloway	Inglaterra
1953/54	Sporting	Tavares da Silva	Portugal
1954/55	Benfica	Otto Glória	Brasil
1955/56	FC Porto	Dorival Yustrich	Brasil
1956/57	Benfica	Otto Glória	Brasil
1957/58	Sporting	Enrique Fernández	Uruguai
1958/59	FC Porto	Otto Bumbel/ Béla Guttmann	Brasil / Hungria
1959 a 61	Benfica	Béla Guttmann	Hungria
1961/62	Sporting	Otto Glória/ Juca	Brasil / Portugal
1962/63	Benfica	Fernando Riera	Chile
1963/64	Benfica	Lajos Czeizler	Hungria
1964/65	Benfica	Elek Schwartz	Roménia
1965/66	Sporting	Otto Glória	Brasil
1966/67	Benfica	Fernando Riera	Chile
1967/68	Benfica	Fernando Riera / Fernando Cabrita / Otto Glória	Chile / Portugal / Brasil
1968/69	Benfica	Otto Glória	Brasil
1969/70	Sporting	Fernando Vaz	Portugal
1970 a 73	Benfica	Jimmy Hagan	Inglaterra
1973/74	Sporting	Mário Lino	Portugal
1974/75	Benfica	Milorad Pavic	Jugoslávia
1975/76	Benfica	Mário Wilson	Portugal
1976/77	Benfica	John Mortimore	Inglaterra
1977 a 79	FC Porto	José Maria Pedroto	Portugal
1979/80	Sporting	Rodrigues Dias/ Fernando Mendes	Portugal
1980/81	Benfica	Lajos Baroti	Hungria
1981/82	Sporting	Malcolm Allison	Inglaterra
1982 a 84	Benfica	Sven-Goran Eriksson	Suécia
1984 a 86	FC Porto	Artur Jorge	Portugal
1986/87	Benfica	John Mortimore	Inglaterra
1987/88	FC Porto	Tomislav Ivic	Jugoslávia
1988/89	Benfica	Toni	Portugal
1989/90	FC Porto	Artur Jorge	Portugal
1990/91	Benfica	Sven-Goran Eriksson	Suécia
1991 a 93	FC Porto	Carlos Alberto Silva	Brasil
1993/94	Benfica	Toni	Portugal
1994 a 96	FC Porto	Bobby Robson	Inglaterra
1996 a 98	FC Porto	António Oliveira	Portugal
1998/99	FC Porto	Fernando Santos	Portugal
1999/00	Sporting	Giuseppe Materazzi / Augusto Inácio	Itália / Portugal
2000/01	Boavista	Jaime Pacheco	Portugal
2001/02	Sporting	Laszlo Boloni	Roménia
2002 a 04	FC Porto	José Mourinho	Portugal
2004/05	Benfica	Giovanni Trapattoni	Itália
2005/06	FC Porto	Co Adriaanse	Holanda
2006 a 09	FC Porto	Jesualdo Ferreira	Portugal
2009/10	Benfica	Jorge Jesus	Portugal
2010/11	FC Porto	André Villas Boas	Portugal
2011/12	FC Porto	Vítor Pereira	Portugal

Lipo Herczka
Primeiro tri-campeão nacional (Benfica)

Mihaly Siska
Primeiro bi-campeão nacional (FC Porto)

estrangeiro quando o belga Franky Vercauteren substituiu o interino Oceano no comando do Sporting. Mas, infelizmente para os lados de Alvalade, foi sol de pouca dura, uma vez que o presidente Godinho Lopes voltou a apostar num português para o banco leonino: Jesualdo Ferreira. E foi caso único nas chicotadas psicológicas desta época, pois as restantes quatro equipas que mudaram de treinador voltaram a apostar na competência lusa: Manuel Machado substituiu Pedro Calxinha no Nacional, Manuel Cajuda ocupou a vaga de Sérgio Conceição no Olhanense, Augusto Inácio rendeu Jorge Casquilha no Moreirense e, por último, Costinha estreou-se como treinador ao entrar para o lugar de Ulisses Morais no Beira-Mar.

Os professores magiares

Para os que gostam da história do futebol não é novidade, mas para os mais distraídos será certamente uma surpresa, principalmente tendo em conta a fraca prestação dos últimos longos anos: a Hungria já foi uma potência mundial, nos primórdios do desporto-rei. Derrotada na final do Mundial de 1938, o expoente máximo da força magiar aconteceu nos anos 50. Durante essa década, até à revolta húngara de 1956, que terminaria com aquele conjunto de estrelas, a Hungria registou 42 vitórias, sete empates e apenas uma derrota, logo na final do Mundial de 1954. O brilho da equipa na qual se destacava Ferenc Puskas saiu pouco ofuscado com essa derrota porque, à polémica que se viveu na altura, surgiria mais tarde a confirmação de que os jogadores alemães jogaram sob o efeito de pervitina, uma substância dopante que era administrada às tropas germânicas durante a II Guerra Mundial. Assim terminava uma série de quatro anos sem derrotas de uma das mais brilhantes gerações de sempre.

Mas só com uma boa orientação seria possível obter estes resultados. A famosa táctica WM, do inglês Herbert Chapman, que Gusztáv Sebes introduziu na Hungria, seria responsável pela origem do Futebol Total que o Ajax e a selecção da Holanda interpretaram nos anos 70 pela mão de Rinus Michels. Não é por isso de estranhar que, como prova desta tradição de liderança e de métodos inovadores, os primeiros onze campeonatos nacionais fossem ganhos por treinadores húngaros. Entre 1934 e 1945, apenas treinadores húngaros souberam o que era vencer em Portugal: Jozsef Szabo (por três vezes), Lipo Herczka (três) – o primeiro treinador a sagrar-se campeão pelo Real Madrid – Mihaly Siska (duas) e Janos Biri (três). A pedrada no charco seria dada logo por um português, quando Augusto Silva levou o Belenenses à conquista do seu único campeonato, em 1945/46. Foi o primeiro de 31 técnicos nacionais que venceram o título, se contabilizarmos aqueles que contribuíram para a vitória, mesmo que não tenham acabado a época. Mas se um jogador, só porque esteve um minuto em campo, tem essa honra, um técnico, nem que tenha estado apenas uma jornada no banco, também a merece.

Entre os 50 treinadores que se sagraram campeões, podemos assim perceber que a maioria nasceu na terra de Camões. Mas só nos últimos anos esta tendência se concretizou, uma vez que encontramos dez portugueses nos últimos 15 heróis. Seguem-se os húngaros nessa lista, com 16 treinadores, e os ingleses têm o último posto do pódio, ao so-

Robert Kelly
Inglês, o primeiro estrangeiro não-húngaro a vencer (SCP)

Randolph Galloway
Domínio inglês no SCP, e do SCP no Campeonato

Otto Glória
O brasileiro é ainda o técnico com mais títulos individuais

Enrique Fernández
Campeão no SCP e o único a vencer pelo Real e pelo Barça

marem 13 campeões. Para fechar o capítulo dos homens provenientes do Leste europeu temos de referir o nome de Béla Guttmann. Além de tri-campeão, uma vez pelo FC Porto e duas pelo Benfica, venceria ainda duas Taças dos Campeões pelos encarnados. Depois lançou o feitiço de que, sem ele, o clube da Luz não voltaria a ser campeão europeu nos próximos 100 anos... e as cinco finais da Champions entretanto perdidas pelo Benfica têm-lhe justificado a alcunha de mago.

A força inglesa e a Glória de Otto

Após o referido título do Belenenses, seguiram-se sete vitórias do Sporting em oito campeonatos, na melhor fase da história dos verdes-e-brancos. Quatro desses títulos tiveram sotaque british, com as honras a caberem a Randolph Galloway (um tri) e Robert Kelly, que abriu essa série de sucesso da equipa dos Cinco Violinos e estabeleceu o recorde de golos marcados numa época (123). Pelo meio, um triunfo para o Benfica do inglês Ted Smith. Apenas mais dois homens repetiram o feito de Galloway, de alcançar três títulos de seguida: Jimmy Hagan, o inglês que aterrou na Luz no início dos anos 70, e Jesualdo Ferreira, que com o tri obtido ao serviço do FC Porto se tornou o primeiro e único português a conseguir tal proeza. Entre os ingleses é preciso lembrar ainda dois nomes: John Mortimore e Bobby Robson. O primeiro treinou o Benfica em duas ocasiões, foi campeão em ambas as passagens, mas teve maior sucesso na primeira, de 1976 a 1979. Nesse período registou o recorde de invencibilidade no campeonato, com 56 jogos sem derrotas.

> **No início, "vitória" escrevia-se em húngaro. Os primeiros 11 campeonatos foram ganhos por treinadores magiares**

Entre 2010 e 2012, o FC Porto de Villas Boas e Vítor Pereira chegou aos 55, mas uma derrota em Barcelos manteve o recorde na Luz. Já Sir Bobby Robson merece a referência por ter sido bicampeão nas Antas e, caso não fosse a precipitação de Sousa Cintra, na altura presidente do Sporting, talvez tivesse chegado ao tri. Não é só a Leonardo Jardim, recentemente afastado do Olympiakos quando seguia em primeiro, que acontecem estas coisas.

Entre as nacionalidades dos técnicos campeões falta ainda referir os brasileiros, com dez títulos, seis dos quais para Otto Glória, o treinador que mais troféus ergueu. Curiosamente, este carioca, cujo apelido não podia estar mais certo, foi o primeiro brasileiro a treinar em Portugal. Depois dele chegariam mais 42, sendo o país que mais contribuiu para o nosso campeonato. O pódio inclui ainda argentinos (20) e espanhóis (17). Otto Glória chegou em 1954 para orientar o Benfica, passou pelo Sporting, FC Porto e Belenenses, mas os títulos venceria-os na 2ª Circular: quatro na Luz e dois em Alvalade. Diga-se, em bom rigor, que partilha dois títulos com outros treinadores: em 1961/62, no Sporting, com Juca, e em 1967/68, no Benfica, com Fernando Riera e Fernando Cabrita. Mas participou, e a Otto o que é de Otto. Como se não bastasse, é o estrangeiro com mais Taças de Portugal (quatro) e o segundo com mais jogos na I Divisão (305), apenas atrás do espanhol Paco Fortes (315), um símbolo do Farense.

E o terceiro lugar da nossa Selecção no Mundial de 1966 deve-se a ele. Otto Glória, pois. Depois de conduzir o Sporting ao título em 1965/66, arrancou para Inglaterra, e só a equipa da casa impediu os Magriços de chegarem à final. Uma referência ainda para Enrique Fernández, o único uruguaio a sagrar-se campeão em Portugal. Mas não foi só por cá. Além do título conquistado pelo Sporting em 57/58, Fernández foi também o único treinador a vencer o campeonato espanhol pelo Barcelona (1947/48 e 1948/49) e pelo Real Madrid (1953/54).

Nos Mundiais, ao vivo e a cores

A cores viram-nos eles, porque na nossa TV ainda vimos muita coisa a preto e branco. Já que falámos do Inglaterra'66, façamos a ponte para outras fases finais de Mundiais com treinadores estrangeiros que passaram por Portugal. É que são logo 18 nomes, contando com o já referido Otto Glória. Sinónimo da qualidade, às vezes menosprezada, da nossa liga. O primeiro foi Flávio Costa, responsável pela final perdida em casa pelo Brasil diante do Uruguai, no célebre Maracanazo. Mais tarde treinaria, também sem títulos, o FC Porto. Mas inscreveu o nome na história dos Dragões, ao ser o primeiro treinador nas provas europeias. Seguiu-se o húngaro Lajos Baroti, campeão pelo Benfica em 1980/81, que conduziu o seu país a quatro fases finais: 1958, 62, 66 e 78. O único com três presenças em Mundiais é o sueco Sven-Goran Eriksson, que levou a Inglaterra em 2002 e 2006 e, na última edição, orientou a Costa do Marfim, isto depois de se sagrar três vezes campeão pelo Benfica. Com dois Mundiais aparecem Jozef Venglos e Bobby Robson. O checo passou por Alvalade nos anos 80, sem deixar grandes saudades, e esteve com a Checoslováquia nos Mundiais de 82 e 90. Já Bobby Robson conduziu a Inglaterra ao México'86 e ao Itália'90. A lista fica completa com uma dúzia de nomes: Fernando Riera (esteve no Mundial de 1962, com o Chile), Helenio Herrera (1962, Espanha), Raymond Goethals (1970, Bélgica), Hristo Mladenov (1974, Bulgária), Sebastião Lazaroni (1990, Brasil), René Simões (1998, Jamaica), Giovanni Trapattoni (2002, Itália), José Antonio Camacho (2002, Espanha), Mirko Jozic (2002, Croácia) e Robert Waseige (2002, Bélgica).

Para último deixamos a menção honrosa a dois campeões do mundo, ambos pelo Brasil: Aymoré Moreira, em 1962, e Luiz Felipe Scolari, 40 anos mais tarde. Felipão nunca treinou clubes portugueses, mas é responsável por alguns dos melhores resultados da nossa Selecção. Já o técnico que levou Pelé, Garrincha & Companhia à vitória no Mundial do Chile trabalhou no Boavista e no FC Porto no início dos anos 70, mas saiu da Invicta sem momentos de glória. Conseguiu um 7º e um 9º lugar pelos axadrezados, e nem terminou a época de estreia nas Antas.

VINNIE JONES

O MACHADO SOLITÁRIO

Luís Aguilar

6 DE FEVEREIRO DE 1988. Wimbledon vs. Newcastle. Vinnie Jones vs. Paul Gascoigne. De um lado, o jogador mais duro da liga inglesa. Do outro, um dos mais talentosos (e mais gordinhos). Vinnie encarregou-se de dar as boas-vindas a Gazza: "Chamo-me Vinnie Jones. Sou um cigano. Sou o pacote inteiro. Vou arrancar a tua orelha com os meus dentes e cuspi-la no relvado. Hoje, és só tu e eu, gordo. Só tu e eu." Gazza também é um rebelde e jogou contra todo o tipo de duros, mas nunca tinha experimentado nada assim: "Sentia constantemente a sua respiração atrás de mim, como um dragão. Nunca tive medo de sofrer faltas, mas com este tipo… era uma agressão atrás da outra. A determinada altura, ele cuspiu-me na cara e disse: 'Vou só ao outro lado para marcar o canto, mas não te preocupes, gordo. Volto já!'."

Vinnie voltou e apertou os testículos de Gazza. A fotografia desse momento imortalizou-o como um dos maiores bad boys do futebol mundial. Mas Gascoigne foi apenas uma das muitas vítimas do central e médio defensivo que ficaria conhecido como The Axe (O Machado).

Em 1992, quando jogava no Chelsea, Vinnie voltou a fazer história: recorde para a expulsão mais rápida de sempre na liga inglesa, depois de uma entrada sobre Dane Whitehouse… aos três segundos. Passava tanto tempo castigado, que chegou a gozar com a situação: "Esta época gostava de marcar dez golos, mas, normalmente, as autoridades não me deixam jogar a época inteira."

Os melhores jogadores eram o seu alvo preferido. Quando Gullit trocou o campeonato italiano pelo Chelsea, o capitão do Wimbledon passou a ter um novo ódio de estimação. Perguntaram-lhe como se podia parar um jogador com a classe do holandês. Resposta: "Se tudo o resto falhar, podes esperar pelo primeiro canto e atar as tranças dele ao poste da baliza [alusão ao penteado rasta de Gullit]."

Conselhos como este faziam parte de *Soccer's Hard Men* (documentário que produziu em 1992, com várias dicas sobre jogo sujo). A Football Association multou-o em 20 mil libras, mas Vinnie lucrou muito mais com as vendas do vídeo. Melhor ainda: foi uma espécie de iniciação à sétima arte. Mais tarde, o cinema inglês entrou numa nova vaga de filmes de gangsters e precisava de homens duros. Vinnie tinha o perfil certo.

Começava aqui uma mudança de vida que dura até aos dias de hoje: ex-jogador mediano; actual estrela de Hollywood. Nada que ele não dissesse quando ainda espalhava o terror pelos relvados: "Um dia vão pôr-me no cinema, vão fazer de mim uma grande estrela. Vamos escrever um filme sobre um homem triste e solitário. E eu só tenho de agir naturalmente."

"Vou só ao outro lado para marcar o canto, mas não te preocupes, gordo. Volto já!". Vinnie voltou e apertou os testículos de Gazza

PIADAS DA PLAYBOY

Uma ruiva, uma morena e uma loira estavam no mesmo quarto do hospital, prestes a dar à luz, quando a ruiva disse: "Sei que vou ter uma menina, porque era eu que estava por cima no dia em que engravidei". Ao que a morena respondeu: "E eu sei que vou ter um menino, porque era o meu marido que estava por cima quando fiquei grávida". Nisto, a loira olha aterrorizada para as outras e começa a soluçar. "O que foi?", perguntou a morena, preocupada, ao que a loira respondeu, já a chorar: "Acho que vou ter um cãozinho".

"Há uns dias roubaram-me a carteira e, desde então, o ladrão tem usado os meus cartões de crédito durante toda a semana", desabafou um homem enquanto bebia um copo com o amigo. "Então e porque é que ainda não avisaste o banco para te cancelarem os cartões?", perguntou o amigo surpreendido. "Porque o ladrão tem gasto menos dinheiro do que a minha mulher".

Um homem estava num bar a beber sozinho e, sempre que pedia mais uma bebida, tirava uma fotografia da carteira e olhava para ela durante uns segundos antes de a guardar. O barman estava intrigado com a repetição do gesto e perguntou-lhe se era uma ex-namorada. Ao que o homem respondeu: "Não, é a minha sogra. Quando ela começa a ficar atraente, é sinal de que já tenho a minha conta".

Porque é que damos um nome ao nosso pénis? Porque não gostamos da ideia de que seja um estranho a tomar 90% das nossas decisões.

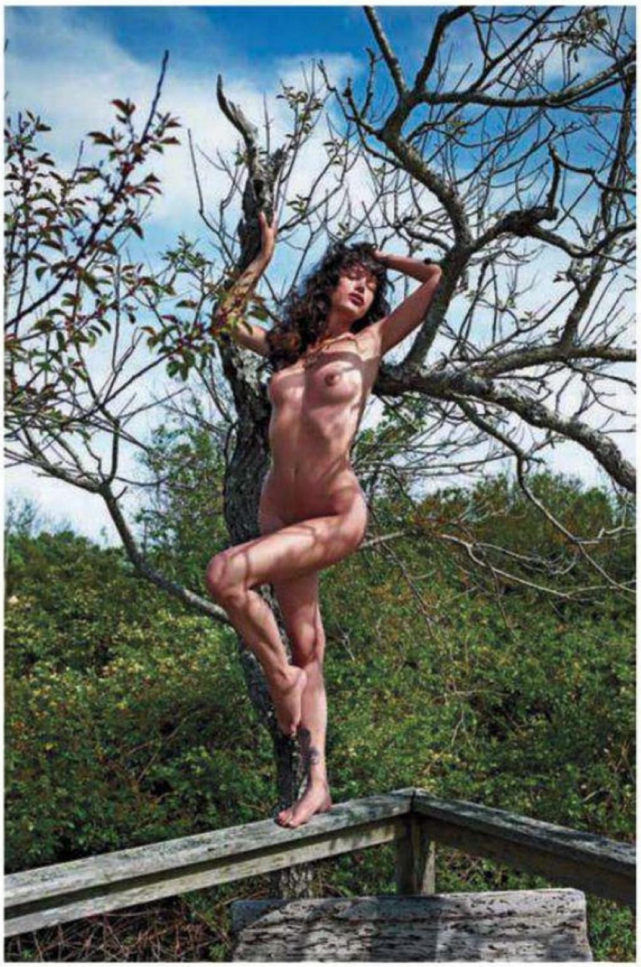
Como é que se encontra um cego numa praia de nudistas? É o que não está erecto.

Certa tarde, a empregada disse à dona da casa na qual trabalhava que merecia ser aumentada. A senhora, ofendida pelo pedido, perguntou-lhe porque é que ela achava tal coisa. "Bem, minha senhora. Existem três motivos para justificar o meu aumento. O primeiro é que passo melhor a ferro que a senhora". Ofendida, a patroa perguntou: "Mas quem é que lhe disse tal coisa?", ao que a empregada respondeu: "O seu marido, senhora". E continuou: "O segundo motivo é que cozinho melhor que a senhora". "Isso é ridículo. Quem é que lhe disse que cozinha melhor que eu?", perguntou a patroa, já bastante irritada. "Foi o seu marido, senhora". "Óptimo", respondeu a patroa. "Então e qual é o terceiro motivo?". "É que sou melhor na cama que a senhora", disse a empregada. Furiosa, a patroa perguntou, aos gritos: "Ai é? E foi o porco do meu marido que lhe disse isso, foi?". "Não, senhora", respondeu a empregada. "Foi o jardineiro". "Ah, sim...", balbuciou a patroa enquanto pegava no livro de cheques. "Então e qual é o aumento que a menina deseja?".

Uma noite, a mulher despiu-se à frente do marido e perguntou-lhe: "O que é que te excita mais: a minha cara bonita ou o meu corpo sexy?" O homem olhou-a de cima a baixo e respondeu: "O teu sentido de humor".

Paz de La Huerta

Estrela de cinema e televisão, mais conhecida por cá pelo seu papel de muito voluptuosa namorada de Steve Buscemi na série *BoardWalk Empire*. Mas é também pintora, escritora, realizadora e, acima de tudo, grande embaixadora da capacidade de provocação da beleza feminina. Tanto que já apareceu numa série de anúncios da Agent Provocateur. Fotografia **Mario Sorrenti**



BRIGITTE NIELSEN

Em 1987, uma muito famosa modelo dinamarquesa, Brigitte Nielsen de seu nome, com 24 anos e no auge (ou do alto) do seu esplendor, surgia nas páginas da Playboy norte-americana, fotografada pelo (não menos) famoso Herb Ritts.

14 MARÇO
NOS CINEMAS

"THE ROCK"
ESTÁ DE VOLTA NUM
INTENSO THRILLER
DE ACÇÃO

DWAYNE JOHNSON

SNITCH
INFILTRADO

INSPIRADO EM FACTOS VERÍDICOS

EXCLUSIVE MEDIA e PARTICIPANT MEDIA apresentam em associação com IMAGE NATION ABU DHABI uma produção EXCLUSIVE MEDIA em associação com FRONT STREET PRODUCTIONS um filme de ERIC ROMAN WAUGH DWAYNE JOHNSON "SNITCH" BARRY PEPPER JON BERNTHAL MICHAEL K. WILLIAMS MELINA KANAKAREDES NADINE VELAZQUEZ RAFI GAVRON DAVID HARBOUR com BENJAMIN BRATT e SUSAN SARANDON MARY VERNIEU CSA e LINDSAY GRAHAM KIMBERLY ADAMS-CALLIGAN ANTONIO PINTO JONATHAN CHERNALL VINCENT DE VYNAUD DANA SINIGALIS JULIAN LONGNECKER JEFF SKOLL GUY EAST BECKI CROSS TRUJILLO DAVID FANNING JUSTIN HAYTHE NIGEL SINCLAIR MATT JANSSON JONATHAN KING DWAYNE JOHNSON DANY GARCIA ALEX BRUNNER ROBIN KRAMBUST

ZON EXCLUSIVE participant IMAGE NATION JUSTIN HAYTHE e ERIC ROMAN WAUGH ERIC ROMAN WAUGH

Aerodinamite.

C 63 AMG Coupé Black Series.
Desenvolvido para superar.

www.mercedes-benz.pt/amg – Contact Center: 707 200 699
www.mercedes-benz-trends.com

Uma Marca da Daimler

AMG
DRIVING PERFORMANCE

Mercedes-Benz

Consumo combinado (l/100km): 12,2 1/100 km. Emissões CO_2 (g/km): 286.